



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS VI  
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

**JÉSSICA NEVES SILVA**

**O FALAR DE DESCENDENTES PORTUGUESES DO ALTO SERTÃO BAIANO**

**CAETITÉ – BA  
2018**

**JÉSSICA NEVES SILVA**

**O FALAR DE DESCENDENTES PORTUGUESES DO ALTO SERTÃO BAIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Ciências Humanas – DCH VI/Caetité, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas.

**Orientadora:** Profa. Ms. Ivana Pereira Ivo

**Área do conhecimento:** Linguística

JÉSSICA NEVES SILVA

**O FALAR DE DESCENDENTES PORTUGUESES DO ALTO SERTÃO BAIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Ciências Humanas – DCH VI/Caetité, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em 16/07/2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Me. Ivana Pereira Ivo  
Orientadora

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Ricardo Tupiniquim Ramos  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup> Denise Marques Carneiro Neves  
Examinadora

CAETITÉ – BA  
2018

*Dedico integralmente este trabalho à minha família, meu pai Gildasio, minha mãe Maria Silene, meus irmãos Gildasio Júnior e João Lennon e meu namorado Mardon William, motivo da minha dedicação e eterna inspiração.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por iluminar a minha vida e por me impulsionar a pensar e a concluir este trabalho e por me lembrar de que sempre sou mais forte do que penso.

Agradeço, em especial, aos meus amados pais, pelo amor incondicional e pelo companheirismo pleno.

Aos meus avós paternos José Alexandre e Isabel e aos maternos Benvindo e Ergina pelo carinho, pelo amor e por todos os valores transmitidos.

À minha querida orientadora Professora Ivana Pereira Ivo, pela orientação, sempre séria, paciente e acima de tudo, agradeço pela generosidade, pela amizade, pelo carinho, pelo respeito e pela confiança depositada em meu trabalho.

Aos meus amados irmãos Gildasio Júnior e João Lennon pelo amor, pela cumplicidade e por todo carinho.

Ao meu namorado Mardon William, pela cumplicidade, compreensão, apoio e encorajamento nas horas difíceis.

A todos os familiares e amigos, que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa. Em especial aos meus tios Maria e João Batista por ter me acolhido em Caetité em 2014 e, também meu tio Gilmar por sempre ter me levado ao ponto de ônibus.

Aos meus amados professores do colegiado de Língua Portuguesa e Literaturas do DCH VI, da UNEB de Caetité.

Às minhas colegas de orientação, amigas e parceiras, pelo carinho, pela amizade e pelo apoio.

A Aninha e Rebeka, amigas e irmãs, pela amizade, pelo carinho, pela parceria, pela cumplicidade e pela força que sempre me deram.

A Olívia e sua família pelo carinho que me recebeu na comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA e me apresentou aos participantes da pesquisa.

Por último, mas não menos importante, a todos os participantes envolvidos na pesquisa, os moradores da comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA pelo aconchego, pela hospitalidade, pela alegria e pelo carinho com que me receberam.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar dados de fala de uma comunidade relativamente isolada, de descendentes portugueses que habitam o Alto Sertão da Bahia, a comunidade Mato-Grosso/Rio de Contas - BA, verificando possíveis dados de conservação linguística do português antigo e/ou inovações, resultantes do contato da língua portuguesa com línguas indígenas e africanas. A pesquisa insere-se na grande proposta de refletir aspectos relacionados à formação do português falado no Brasil, pesquisando, especificamente, processos de variação e mudança linguística nos dialetos regionais brasileiros. Para desenvolver tal estudo, fundamentamo-nos, teoricamente, em Basso & Gonçalves (2014), Castilho (2007 e 2010), Pagotto (2005) e Silva (2004 e 2008), para refletir sobre as propostas relacionadas à formação do português falado no Brasil. Em Labov (2008), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Martelotta (2012), para a compreensão dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, e em Lucchesi (2009), para discutir questões relacionadas ao contato linguístico. Com o intuito de registrar o falar dos descendentes portugueses, precisamente o vernáculo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, junto a 08 moradores, homens e mulheres da comunidade, sendo quatro de 30 a 60 anos, a fim de verificarmos dados de inovação linguística e quatro acima de 70 anos, com o menor grau de escolaridade possível, com o intuito de obter dados de possível conservação linguística. Os dados analisados apresentaram alguns dados de conservação linguísticos e outros que podem ser interpretados como dados de inovação, resultado do intenso contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Variação e Mudança. Variedade Dialetal. Alto Sertão Baiano.

## ***ABSTRACT***

This work aims to present speech data from a relatively isolated community of Portuguese descendants living in the Alto Sertão da Bahia, the Mato Grosso / Rio de Contas – BA community, verifying possible linguistic conservation data of the old Portuguese and / or innovations, resulting from the contact of the Portuguese language with indigenous and African languages. The research is part of the great proposal to reflect aspects related to the formation of Portuguese spoken in Brazil, specifically researching the processes of variation and linguistic change in Brazilian regional dialects. To develop such a study, we base ourselves theoretically on Basso & Gonçalves (2014), Castilho (2007 and 2010), Pagotto (2005) and Silva (2004 and 2008), to reflect on the proposals related to the formation of Portuguese spoken in the Brazil. In Labov (2008), Weinreich, Labov and Herzog (2006) and Martelotta (2012), to understand the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics, and in Lucchesi (2009), to discuss questions related to linguistic contact. In order to register the speech of the Portuguese descendants, precisely the vernacular, we conducted semi-structured interviews with 08 residents, men and women from the community, 04 from 30 to 60 years, in order to verify data of linguistic innovation and 04 above 70 years old, with the lowest degree of schooling possible, in order to obtain data of possible linguistic conservation. The data analyzed presented some linguistic and other data that can be interpreted as data of innovation, result of the intense contact of the Portuguese language with the indigenous and African languages.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics. Variation and Change. Dialectal Variety. Alto Sertão Baiano.

## **GRÁFICO**

Gráfico 1 – Pronúncia de palavras .....	47
---	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Variação Lexical .....	47
Tabela 2 – Diferenças e semelhanças entre as gerações .....	49

## SÍMBOLOS FONÉTICOS

### CONSOANTES

- [k] – consoante oclusiva, velar, desvozeada, oral
- [t<sup>h</sup>] – consoante oclusiva aspirada não vozeada
- [d<sup>h</sup>] – consoante oclusiva aspirada vozeada
- [s] – consoante fricativa, alveolar, desvozeada, oral
- [h] – consoante fricativa, glotal, desvozeada, oral
- [z] – consoante fricativa alveolar, vozeada, oral
- [l] – consoante aproximante lateral, alveolar, vozeada, oral
- [ɲ] – consoante nasal palatal
- [r] – tepe alveolar, oral
- [ʎ] – consoante lateral, palatal, vozeada, oral
- [j] – aproximante palatal, oral
- [w] – aproximante labiovelar, fechada oral
- [tʃ] – africada palatal não vozeada
- [dʒ] – africada palatal não vozeada

### VOGAIS

- [ə] – vogal central, baixa, oral
- [ã] – vogal central, baixa, nasal
- [e] – vogal anterior, média, oral
- [ɛ] – vogal anterior, média, oral
- [i] – vogal anterior, alta, oral
- [ĩ] – vogal anterior, alta, nasal
- [o] – vogal posterior, média, oral
- [ɔ] – vogal posterior, baixa, oral
- [u] – vogal posterior, alta, oral
- [ʊ] – vogal posterior, alta, oral
- [ũ] – vogal velar, fechada, nasal

Fonte: AFI – Alfabeto Fonético Internacional ou IPA – *International Phonetic Alphabet*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1 BREVE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	14
1.1 As Línguas Gerais.....	16
1.2 Prevalência da língua portuguesa.....	19
1.1 Principais hipóteses sobre a formação do PB .....	21
2 A ATUAÇÃO DE DIFERENTES FORÇAS NA FORMAÇÃO DO PB .....	29
3 A SOCIOLINGUÍSTICA.....	33
4 DADOS DE FALA DA COMUNIDADE DE MATO-GROSSO .....	38
4.1 Aspectos Gramaticais .....	38
4.2 Aspectos Fonológicos .....	41
4.3 Diferenças Geracionais .....	46
4.4 Expressões Particulares.....	48
4.5 Léxico .....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
REFERÊNCIAS .....	54
APÊNDICE.....	56
TCLE .....	56
Roteiro das entrevistas .....	59

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, ao entrar em contato com outras línguas no Brasil, passou por um processo de variação e mudança linguística. Considerando o distanciamento entre o português falado no Brasil, doravante PB, daquele falado na Europa, doravante PE, Pagotto explica que o fato de as pesquisas em Portugal focalizarem mais nas questões dialetológicas, “tem dificultado a interação com os resultados produzidos no Brasil, que alcançam um grau de detalhamento bem maior no que diz respeito à complexidade social do fenômeno de variação” (PAGOTTO, 2005, p. 31). No Brasil, três hipóteses principais têm sido utilizadas para explicar as mudanças no PB: a tese da ancianidade do português, que explica que as mudanças verificadas no PB já ocorreram no PE, a tese da emergência de uma nova gramática do PB e a tese crioulística, que defende ter havido uma crioulização no Brasil, seguida por uma posterior descrioulização. (CASTILHO, 2007).

É a partir das controvérsias dessas propostas que esta monografia intitulada “O Falar de Descendentes Portugueses do Alto Sertão Baiano” propõe observar e descrever fenômenos da fala de uma comunidade relativamente isolada, de descendentes portugueses que habitam o Alto Sertão da Bahia, verificando possíveis dados de conservação linguística do português antigo e/ou inovações resultantes do contato da língua portuguesa com línguas indígenas e africanas, processo acentuado por atividades econômicas desenvolvidas na Bahia do século XVIII.

A pesquisa insere-se na grande proposta de refletir aspectos relacionados à formação do português falado no Brasil, pesquisando, especificamente, processos de variação e mudança linguística nos dialetos regionais brasileiros, neste caso, uma variedade dialetal do Alto Sertão da Bahia, a comunidade Mato-Grosso/Rio de Contas - BA. Uma vez que essa área do Alto Sertão Baiano é ainda pouco estudada linguisticamente, este trabalho mostra-se relevante por buscar contribuir com os estudos relacionados a essa temática, sejam estudos da Sociolinguística, da Dialetologia e também, da Linguística Histórica. Como também por objetivar a valorização da identidade linguística da comunidade estudada.

Para desenvolver tal estudo, fundamentamo-nos, teoricamente, em Basso & Gonçalves (2014), Castilho (2007 e 2010), Pagotto (2005) e Silva (2004 e 2008), para refletir sobre as propostas relacionadas à formação do português falado no Brasil. Em Labov (2008), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Martelotta (2012), para a compreensão dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, e em Lucchesi (2009), para discutir questões relacionadas ao contato linguístico.

Quanto à abordagem, essa pesquisa é quali/quantitativa, de natureza aplicada, cujos objetivos a delineiam como exploratória. No tocante aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de campo.

Neste trabalho, portanto, apresentamos, no capítulo 1 uma breve história do português brasileiro. No capítulo 2, apresentamos os ciclos econômicos, desde o primeiro contato dos colonizadores com os índios, posteriormente com os africanos, até o ciclo da borracha na Região Amazônica e o desenvolvimento industrial do século XX. No capítulo 3, refletimos sobre os pressupostos teóricos da sociolinguística e no capítulo 4 apresentamos brevemente a comunidade de Mato-Grosso/Rio de Contas/BA e a análise de dados da pesquisa através das entrevistas realizadas com os moradores da comunidade de Mato-Grosso/Rio de Contas/BA, bem como os resultados, a fim de consolidar o objetivo deste trabalho.

Quanto à abordagem, essa pesquisa é quali/quantitativa (quantitativa nos moldes da proposta sociolinguística variacionista laboviana). Quanto à natureza, é aplicada: pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, no qual envolve verdades e interesses locais.” (CÓRDOVA, 2012, p.35) E, no tocante aos objetivos é uma pesquisa do tipo exploratória. Quanto aos procedimentos essa é uma pesquisa de campo, que para Silveira e Córdova (2009, p. 37): “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, como recurso de diferentes tipos de pesquisa.”

De acordo com Labov (2008), podemos isolar cinco axiomas metodológicos que levam a um paradoxo metodológico, e a solução para esse paradoxo é o problema metodológico central: (01) alternância de estilo – não existe falante de estilo único, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas na medida em que altera o contexto social; essas alternâncias são percebidas nas autocorreções do falante; (02) atenção – existem mais estilos e dimensões estilísticas do que um analista pode isolar; os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala; (03) formalidade - numa entrevista, em que se pede e se dá a informação, não esperamos encontrar o vernáculo em uso, pois por mais que o falante nos pareça informal ou à vontade, podemos supor que ele tem uma fala informal, outro estilo quando estão com os amigos ou com a família; (04) bons dados – a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio mais óbvio de observação sistemática; (05) o paradoxo do observador, pois o objetivo da pesquisa linguística em determinada comunidade é descobrir como as pessoas falam quando não estão

sendo observadas, no entanto, só podemos obter esses dados por meio da observação sistemática.

Os dados para análise nesse trabalho foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, junto a oito moradores, homens e mulheres da comunidade, sendo quatro com idades entre 30 e 60 anos com o intuito de obter dados de possível conservação linguística. Com critérios de inclusão, foram selecionados moradores que preferencialmente não sejam casados com pessoas de fora da comunidade, e que não tenham morado fora dela. Com o intuito de obtermos o vernáculo propriamente, as entrevistas foram conduzidas com o menor grau de formalidade possível, abordando assuntos do dia a dia e da vida da comunidade. Os dados foram gravados com o consentimento dos participantes, segundo as orientações do Comitê de Ética e devidamente arquivados para posterior análise linguística, conforme as propostas da Sociolinguística laboviana e submetidos a tratamento estatístico. Na análise dos dados de fala, são utilizados nomes fictícios para os participantes, a fim de preservar suas identidades.

## 1 BREVE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O Brasil é quase 93 vezes maior que Portugal e ainda assim, falamos a língua portuguesa, embora o português falado no Brasil (PB) seja diferente daquele falado na Europa. Segundo Basso e Gonçalves (2014), muitas pesquisas têm sido feitas em busca de melhores explicações para o distanciamento entre o PB e o português europeu (PE).

Quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, em 1500, encontraram uma população ameríndia composta por milhões de indivíduos. Segundo pesquisas, a população indígena em 1500 girava em torno de 2 a 6 milhões de pessoas. Apesar da relativa unidade de línguas da família linguística tupi-guarani, no litoral e parte do interior, os povos indígenas eram bem diversificados em termos culturais e linguísticos.

Basso e Gonçalves (2014) comentam duas respostas para o distanciamento linguístico entre o PB e o PE, assumindo que embora sejam verdadeiras, as duas explicações deixam enormes lacunas. A primeira: o português brasileiro é diferente do português europeu porque nossa realidade cultural é diferente, e essa diferença material, do dia-a-dia reflete na língua. A segunda: o PB é diferente do PE porque ao longo dos séculos recebeu influências de outras línguas, como por exemplo, indígenas, africanas e de outros imigrantes. As duas afirmações apresentam sérios problemas, pois, a diferença entre PB e PE não é apenas lexical, mas as duas variedades de língua apresentam diferenças estruturais ou gramaticais.

Quando chegaram ao Brasil, os colonizadores europeus trouxeram a variedade do português clássico. “Trata-se da variedade de português que conhece as primeiras standardizações, na passagem da ortografia fonética para a pseudoetimológica” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.193). Assim sendo, o português clássico é a primeira variedade que chega à América, por isso, ele não é certamente o ponto final, da história, isto porque o fluxo de portugueses ao longo do período colonial foi constante, tendo seu auge durante o ciclo do ouro, período que vai de 1600 a 1800.

Segundo Faraco (2016), não se sabe ao certo o número de línguas indígenas faladas no Brasil na época em que os europeus chegaram. Contudo, Rodrigues (2002) estima que eram faladas 1.273 línguas. Essas línguas, segundo Ivo (inédito) mais tarde, foram classificadas em diferentes troncos e famílias linguísticas.

Nos anos iniciais da colonização do Brasil, a língua usada na costa foi chamada de Língua Brasília, “tendo sido nativizada pelas gerações que nasceram da miscigenação entre portugueses e indígenas. Posteriormente, e com mais alterações ocasionadas pelo contato linguístico, passou a ser chamada de *língua geral*.” (IVO, inédito, p.3). Logo, essa foi a

língua utilizada como instrumento de comunicação entre portugueses e nativos no convívio social e também para a exploração do pau-brasil e de algumas plantas do sertão durante o ciclo do pau-brasil.

Para Basso e Gonçalves (2014) poderíamos pensar que durante os primeiros anos do Brasil-Colônia algum tipo de *pidgin* tivesse sido utilizado para facilitar os escambos. Na verdade, os autores destacam que os portugueses, em suas navegações, costumavam usar uma variedade mais simplificada do português, a qual era chamada de “língua de preto”, mas, infelizmente, sabemos pouco sobre ela.

Dessa forma, os primeiros impactos linguísticos que se podem notar são quanto ao grande número de empréstimos no léxico que a língua portuguesa adota. “Esses empréstimos transparecem em diversos campos lexicais, que englobam a fauna e a flora, os nomes das tribos indígenas, de seus costumes, regiões geográficas, comidas e vestuário, entre outros.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.224). Logo, na fase inicial (1500-1550), o português falado no Brasil foi enriquecido com muitas palavras indígenas.

Conforme destacam Basso e Gonçalves (2014) durante todo o período da descoberta do território brasileiro até 1700, a única política linguística que temos conhecimento é a sugestão de Caminha, que seria mais fácil os portugueses aprenderem a língua dos nativos do que os nativos aprenderem o português, e essa comunicação, foi feita através das línguas gerais. Os autores ainda mencionam que com a descoberta do ouro, Portugal começa a apresentar políticas linguísticas para a difusão do português no Brasil e para a eliminação das línguas gerais. Isto porque o ciclo do ouro marca o início de uma urbanização mais dinâmica e a ocupação do interior.

Com a atividade mineradora o Brasil reestrutura internamente, a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro em 1729 desmembra-se da Capitania do Espírito Santo. Em 1720, a capitania de Minas Gerais foi separada de São Paulo. Em 1744 é criada a capitania de Goiás e em 1748, a de Mato Grosso. Em 1763 a capital do país é deslocada para o Rio de Janeiro.

Segundo Silva, Sousa & Guimarães (2017), ao analisarmos a língua portuguesa no território brasileiro, considerando tanto o vernáculo quanto a escrita, é necessário entendermos a existência de um abismo cultural em que uma elite herdeira dos valores europeus junto a uma massa popular com uma cultura predominantemente oral e que adquiriu a língua a partir do contato com índios de diversas tribos e línguas, negros de várias regiões da África e brancos de diversas origens e tradições. “Todos esses agentes postos em um

mesmo espaço geográfico criaram relações sociais de coesão a fim de sobreviverem na nova terra.” (SILVA; SOUSA & GUIMARÃES, 2017, p.26)

Assim, para os autores, é preciso compreender a história do contato entre os diversos grupos sociais que contribuíram para a formação do Brasil. Além disso, é necessário analisar também “o percurso do letramento e verificar a dimensão cultural que separa os dois polos linguísticos, hodiernamente, observados na realidade brasileira. Devemos, portanto, investigar raízes históricas cujos frutos podem ser observados na realidade brasileira atual.” (SILVA, SOUSA & GUIMARÃES, 2017, p.26)

É importante entender um pouco mais sobre o mosaico linguístico que os portugueses encontraram no Brasil, bem como entender também as línguas africanas que vieram no período da escravidão e ainda as línguas gerais que aqui foram usadas. Segundo Faraco (2016), o “fenômeno linguístico que recebeu, no Brasil, a denominação colonial de língua geral não era mais, portanto, a língua indígena original, mas seu desdobramento evolutivo na boca de aloglotas e bilíngues.” (FARACO, 2016, p.124)

### 1.1 As Línguas Gerais

De acordo com Basso e Gonçalves (2014), as línguas gerais resultam do uso de uma variedade por um maior número de falantes, a de maior circulação numa dada população, para que haja a interação entre os povos envolvidos. Os autores ressaltam que é o mesmo processo dos *pidgins*, quando uma geração mais nova nasce em uma comunidade, na qual houve uma língua geral, e a língua materna dessa geração passa a ser a língua geral, dando origem às línguas crioulas.

As línguas gerais são então simplificações de uma ou mais línguas usadas por diferentes populações. Essas simplificações se referem em geral à eliminação de irregulares gramaticais e a padronização de formas e estruturas. No caso do Brasil, os portugueses encontraram uma grande unidade linguística se pensarmos nas tribos de origem tupi. Essas tribos falavam línguas diferentes, porém bastante aparentadas entre si. (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.213)

Segundo Rodrigues (2002) a expressão ‘Língua Geral’ é usada para determinada categoria de línguas que surgiram na América do Sul nos séculos XVI e XVII, em condições de contato entre portugueses e os povos indígenas. Segundo o autor, foram desenvolvidas duas línguas gerais no Brasil, uma para o Sul, conhecida como língua geral paulista e outra para o Norte, conhecida língua geral amazônica, atual Nheengatu. “A Língua Geral do Sul,

ou Língua Geral Paulista, menos conhecida que a outra, teve sua origem nas línguas dos índios Tupi de São Vicente e do alto do rio Tietê, a qual diferia um pouco da língua dos Tupinambás” (RODRIGUES, 2002, p.102). Logo, para o autor essa é a língua que os bandeirantes falavam no século XVII quando saíram de São Paulo para explorarem Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o Sul do Brasil.

Por ser a língua desses pioneiros e aventureiros, penetrou essa Língua Geral em áreas onde nunca tinham chegado índios Tupi-Guarani e aí deixou sua marca no vocabulário popular e na toponímia. Em São Paulo ela foi dominante no século XVII, mas passou a ser suplantada pelo Português no século XVIII. No início do século XIX só se faz referência a um ou outro falante no interior do Estado de São Paulo, na área de Porto Feliz, no rio Tietê. (RODRIGUES, 2002, p.102).

E a Língua Geral Amazônica desenvolveu-se inicialmente nos Estados do Maranhão e Pará. “Ao contrário de São Vicente e São Paulo, onde a colonização teve início já na primeira metade do século XVI, no Maranhão a conquista portuguesa começou quase cem anos depois, na primeira metade do século XVII” (RODRIGUES, 2002, p.102). Sendo assim, para o autor, a língua Tupi foi a:

Língua predominante na população colonial durante o século XVII e acabou dando origem a nova Língua Geral, que foi falada pelas tropas e missões que foram penetrando e criando núcleos de povoamento no vale amazônico. Portanto, o Tupinambá e essa Língua Geral, em que se transformou, é que foi a língua da ocupação Portuguesa da Amazônia nos séculos XVII e XVIII. (RODRIGUES, 2002, p.102).

Pouco se sabe da Língua Geral Paulista, mas a Língua Geral Amazônica ou Nheengatu, como ressaltam Basso e Gonçalves (2014), não só está viva, mas é a língua oficial de alguns municípios, como por exemplo, São Gabriel da Cachoeira.

O multilinguismo, pois, foi muito comum nos primeiros séculos da América Portuguesa. O convívio entre as línguas gerais, as línguas indígenas, as línguas africanas, as línguas dos imigrantes e o português em solo brasileiro contribuíram para a formação e a constituição do português falado no Brasil.

Silva (2004) destaca que é importante fazer uma periodização de uma língua. Silva (2004) apresenta as fases propostas baseadas nos fatos da história do Brasil por Serafim da Silva Neto. As fases propostas por Silva Neto (1946) são baseadas em fatos da história do Brasil, a primeira fase (1532 - 1654) corresponde ao início da colonização e a expulsão dos holandeses do Nordeste, a segunda fase (1654-1808) corresponde à chegada da família real portuguesa, fugindo das tropas de Napoleão e a terceira fase de 1808 em diante.

Para Basso e Gonçalves (2014) algumas críticas podem ser feitas à periodização de Silva Neto (1946), isso porque essa periodização leva em consideração datas que não têm relevância linguística alguma, a expulsão dos holandeses, para delimitar a primeira fase do PB; sua “classificação também peca por considerar um período por demais abrangente, de 1808 em diante, no qual mudanças importantes ocorreram na sociedade e na língua brasileira.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.221) Além disso, os autores mencionam que diversas mudanças merecem ser mantidas separadas, como o ciclo do ouro e as intervenções do Marquês de Pombal. Desse modo, apesar da periodização de Silva Neto (1946) deixar claro que é necessário isolar fases distintas do PB, é interessante procurarmos novas alternativas, conforme destacam Basso e Gonçalves (2014).

Os autores também apresentam a periodização feita por Paul Teyssier (1997). A primeira fase do período colonial até 1808 (chegada da Família Real portuguesa ao Brasil). A segunda fase corresponde de 1808 até 1822 (ano da Independência do Brasil) e, por último a terceira fase de 1822 em diante. Novamente Basso e Gonçalves (2014) ressaltam que há mais distinções a serem feitas entre o ano da Independência e o presente. Além disso, o segundo período é “muito mais simbólico e político que linguístico, afinal nenhuma mudança significativa pode ocorrer num período de 14 anos; e o primeiro período é, por sua vez, abrangente demais.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.222)

Dessa forma, uma terceira alternativa é adotada pelos autores, é a periodização oferecida por Noll (2008). A primeira fase, de 1500 a 1550, é a fase inicial – traslado da língua portuguesa para o Brasil; a segunda fase de 1550 a 1700 é a fase formativa – surgimento e fixação de algumas das características marcantes do português do Brasil; na terceira fase, de 1700 a 1800, a fase diferenciadora – acentuam-se as diferenças entre o português falado dos dois lados do Atlântico e o começo do reconhecimento do português brasileiro; a quarta fase de 1800 a 1950, é de desenvolvimento da escrita e do ensino – implantação das políticas de ensino no Brasil e publicação de documentos diretamente em território nacional; e a quinta fase de 1950 até o presente é fase de nivelamento – através dos meios de comunicação, e do avanço da urbanização, ocorreu certa homogeneização do português no território nacional.

Para Basso e Gonçalves (2014) a periodização feita por Noll (2008) é mais analítica que as anteriores, pois descreve cada momento histórico com bastante cuidado, o que nos permite entender as mudanças sociais pelas quais a sociedade brasileira passou e de que modo o PB acompanhou essas mudanças. “O que Noll (2008) apresenta é mais uma análise da

formação do PB e de sua fixação e expansão no Brasil e menos uma descrição estrutural.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.205).

Para os autores a população de São Paulo passou por bi- ou multilíngue por pelo menos dois séculos. Num primeiro momento as línguas gerais conviviam com o português, posteriormente, uma única língua geral convivendo com o português, e por último, a hegemonia do português, ultrapassando a língua geral.

Basso e Gonçalves (2014) ainda ressaltam que o aumento do tráfico de escravos africanos em São Paulo coincide com dois fatos essenciais para o desaparecimento da língua geral paulista. Primeiro o extermínio indígena, tanto pela escravidão e crueldade a que era submetida, como pelas epidemias das quais os índios eram vítimas e não podiam fazer nada. Logo, para os autores, sem índios e sem caça aos índios, a língua geral perdeu um de seus principais suportes. O segundo fato importante foi a descoberta do ouro, pois com o ciclo do ouro, o Brasil recebeu um número significativo de imigrantes europeus, que trafegavam por São Paulo para irem às Minas. Sendo assim, a língua desses imigrantes, em sua maioria, era o português, o que fez com que esta língua, e não língua geral paulista, fosse a língua da economia e também de boa parte das interações.

## **1.2 Prevalência da língua portuguesa**

Desse modo, Faraco (2016) questiona como a língua portuguesa passou de minoritária no século XVI a majoritária e hegemônica no século XX. Faraco (2016) destacam que essa hegemonia não é sinônimo de homogeneidade. De um lado estavam as variedades do chamado português culto (urbano e letrado) e do outro, as variedades do português popular (de origem rural). Mas, esse português popular, de acordo com Faraco (2016), estava presente no espaço urbano, por conta do êxodo rural, ocorrido no século XX. Lucchesi (1994) ainda comenta também o fato de que o português brasileiro não era apenas heterogêneo e variável, mas também plural e polarizado. Logo, “a hegemonia da língua portuguesa na sociedade brasileira não se deu, portanto, do dia para noite, nem estava dada no século XVI. Foi antes um resultado de um processo de longa duração intrinsecamente interligado com fatores socioeconômicos” (FARACO, 2016, p.137).

Segundo Ivo (inédito), uma soma de fatores contribuiu para o predomínio do português no Brasil: “o predomínio da língua portuguesa no Brasil, a despeito do grande número de línguas indígenas e africanas, se deu por diferentes fatores que, conjuntamente, fizeram com que a língua portuguesa se estabelecesse como majoritária no país”.

Provocaram profundas mudanças sociais e econômicas no país, transformando ainda mais o cenário linguístico e cultural, favorecendo o uso da língua portuguesa, a língua da elite, em detrimento de outras variedades dialetais em formação. Além desses fatores, a sociedade brasileira passou por profundas transformações a partir de 1950, com a era do desenvolvimento e com a posterior imigração estrangeira, já no final do século XIX, e ao longo de todo o século XX. (IVO, 2017, p. 4 *apud.* cf. CAMARGO, 2001, p. 964).

De acordo com Silva, Sousa & Guimarães (2017), as medidas adotadas pelo Marquês de Pombal provocaram o enfraquecimento do uso das línguas indígenas no Brasil. A corrida do ouro na segunda metade do século XVIII e a vinda da Família Real no século XIX contribuíram para que o português predominasse como a língua unificadora das relações na colônia. No entanto, como ressaltam Silva; Sousa & Guimarães (2017):

[...] a prevalência do português não foi apenas a vitória de uma língua sobre as demais, já que representou o predomínio da força europeia sobre índios e negros escravizados. Essa prevalência não deixou, contudo, que a língua não ficasse incólume e o reflexo dos contatos linguísticos podem ser observados até hoje. (SILVA; SOUSA & GUIMARÃES, 2017, p. 27- 28)

Os autores destacam que além de estudarmos a história dos contatos linguísticos entre os povos que constituíram o povo brasileiro, é preciso também estudar dois elementos essenciais, considerando o contexto social em que se originou a língua portuguesa do Brasil: a instrução escolar e a circulação de livros. Silva, Sousa & Guimarães (2017) ainda ressaltam que é preciso analisar também a constituição do espaço rural e do espaço urbanos brasileiros.

Como em nossa visão, consideramos como falante do português popular do Brasil o indivíduo com pouca ou nenhuma instrução escolar. Ou em outros termos. O que teve pouco acesso ao letramento ou o iletrado, temos que contar a história da formação do Brasil buscando destacar essa parcela da sociedade e as razões que levaram a permanecer num estado quase atávico de formação em relação à elite brasileira. (SILVA, SOUSA & GUIMARÃES, 2017, p. 27- 28).

Portanto, a partir dos autores percebemos que a história de uma língua está relacionada à história da constituição dessa sociedade na qual ela se formou. No Brasil, como destacam Silva, Sousa & Guimarães (2017) vemos duas sociedades: uma formada por brancos de origem lusitana e seus herdeiros, que possuem não só riquezas, mas também outras formas de poder, pela legitimação de profissionais que exigiam especialização. E do outro lado, uma sociedade formada por negros, índios e brancos empobrecidos, cujo papel de atuação estava no exercício de atividades mal remuneradas e sem especialização. Dessa forma, a história

social do Brasil “reflete a história econômica das atividades praticadas no Brasil e ambas estão relacionadas à variedade de língua que um e outro lado usam como forma de expressão.” (SILVA; SOUSA & GUIMARÃES, 2017, p. 27- 28).

### **1.1 Principais hipóteses sobre a formação do PB**

Sabe-se que o português falado no Brasil diferencia-se daquele falado na Europa, o que tem inspirado diversas pesquisas. Dessa forma, observamos que a entonação brasileira difere da portuguesa, a nasalização heterossilábica só existe no PB, bem como a fricativização de /t/ e /d/ diante de /i/, a assimilação de [nd] >[n], a queda de /r/ final, a neutralização de /r/ e /l/, a quebra de encontros consonantais, aférese, o uso de pronomes como objeto direto e a repetição da negação. (BASSO & Gonçalves, 2014, p.295)

Castilho (2007), prefaciando o livro *Origens do português brasileiro*, de Naro e Scherre, apresenta três teses sobre a formação da língua portuguesa do Brasil: a tese da ancianidade de nossa língua, que defende que o PB é uma continuação do português arcaico, com algumas modificações, a tese da emergência de uma nova gramática do PB, a partir do século XIX, e a tese crioulista, que segundo Castilho (2007), defende que as características do PB decorrem de falares crioulos e semicrioulos, de base africana, no Brasil.

Basso e Gonçalves (2014) falam sobre dois aspectos que precisam ser considerados: o demográfico (a convivência entre os povos indígenas, africanos e europeus colonizadores) e o estrutural (diferenças linguísticas significativas entre as variedades de português faladas no Brasil e em Portugal). Segundo os autores, o motivo demográfico pode ser explicado pelo longo período de convivência entre as diversas línguas faladas pelos nativos indígenas, africanos e colonizadores. Assim, o motivo 2 é resultado do 1, isto é, o PB diferencia-se da variedade europeia por causa das influências desencadeadas pelas questões demográficas.

Basso e Gonçalves (2014) destacam ainda que podemos agrupar as teorias sobre a formação do PB em dois grupos, os internalistas e externalistas. Para os internalistas, as diferenças entre PB e PE justificam-se pelas características estruturais da língua portuguesa, sem influências externas da estrutura de outras línguas. Acreditam que as diferenças observadas entre PB e PE são mudanças que começaram desde a fase de diferenciação do latim vulgar para os romanos. Logo, alguns internalistas desconsideram a teoria da crioulistização prévia ou a formação de um crioulo de base africana em fases anteriores.

### 1.1.1 Crioulização e posterior descrioulização

As teorias externalistas, por sua vez, defendem que houve um processo de crioulização prévia na formação do português brasileiro, devido ao contato com a língua dos africanos no período da escravidão. Justificam que as mudanças que afastaram o PB do PE não procedem apenas de mudanças linguísticas históricas. Elas “seriam modificações abruptas, qualitativamente diferentes das mudanças históricas que acontecem normalmente nas línguas, e teriam sido proporcionadas pela existência de um crioulo na base do português.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.289).

Faraco (2008) explica que as diferenças entre PB e o PE é resultado de um primeiro momento, um crioulo de base africana que foi se aproximando do PE através de uma descrioulização, devido ao prestígio dado à variedade europeia. Dessa forma, para os externalistas, as mudanças que afastaram o PB do PE não são apenas mudanças históricas linguísticas históricas, mas uma existência de um crioulo de base africana no PB. O PB que falamos hoje seria o próprio crioulo depois de passar por um processo de descrioulização.

Para Basso e Gonçalves (2014), um dos estudos mais interessantes e respeitados, que defende uma origem crioula para o PB é o de Guy (1981), que aponta tanto argumentos externos (sociais) quanto internos (estruturais) nos diz que os portugueses e os africanos para se comunicarem criaram um *pidgin*.

Refutando o pensamento de Guy, Tarallo (1996) apresenta uma série de críticas em relação à ideia de descrioulização, destacando que como o passar do tempo às estruturas do PB só distanciam do PE. Apontando que tanto na linguagem escrita quanto na fala vernacular, o PB e o PE afastam. Logo, “sem essa aproximação entre o PB e o PE, a ideia de descrioulização fica bastante enfraquecida e também a ideia de que houve um crioulo na base do português”. (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.293)

Após as críticas feitas por Tarallo (1996) a ideia de que o PB “foi um crioulo em sua origem, perdeu forças e novas pesquisas surgiram. Sendo assim, os pesquisadores procuraram outras alternativas, mais próximas do polo internalista.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.294)

Desse modo, alguns pesquisadores têm questionado tanto a demografia histórica brasileira (uma das bases para existência de um crioulo) quanto os fenômenos considerados importantes no contraste entre o PB e o PE através das influências de línguas indígenas e africanas. Logo, pensando na demografia, os pesquisadores lembram-se do europeu, do africano e do indígena, mas que é relevante destacar também a figura do brasileiro nativo,

indivíduo esse que aprendeu uma ou mais línguas no Brasil. Além disso, de acordo com Basso e Gonçalves (2014) o brasileiro nativo provavelmente pode ser a chave para a formação da nossa língua, pois o nativo foi a parcela da população que mais cresceu ao longo da história do Brasil.

Segundo Pagotto (2005). “o problema da hipótese de criouliização é tomarmos no singular o português do Brasil e a língua crioula em questão: ou seja, seria o português do Brasil fruto de uma língua crioula?” (PAGOTTO, 2005, p.33). Dessa forma, para Pagotto (2005), é mais válido pensar que houve línguas crioulas no Brasil, mas que essas línguas isoladas não seriam responsáveis pela formação histórica do português brasileiro atual.

### 1.1.2 Contato Linguístico e Transmissão Linguística Irregular

Recentemente alguns pesquisadores começaram a investir na ideia de “transmissão linguística irregular”, que explica o motivo estrutural, relacionando-o ao motivo demográfico. Para Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), a transmissão linguística pode estar por trás de uma língua crioula ou ainda de uma nova variedade histórica da língua de superstrato.

Lucchesi (2009) argumenta que se não houve um processo de criouliização do português ao entrar em contato com as línguas indígenas e africanas, elas foram favoráveis para que processos de variação e mudança fossem desencadeados por um contato linguístico. Logo, para ele, as diferenças estruturais entre as variedades do PB e do PE podem ser explicadas por meio do contato linguístico.

Se as condições em que o contato do português com as línguas indígenas e africanas ocorreram no Brasil não deram ensejo a processos de criouliização do português duradouros e representativos, elas foram bastante propícias a que processos de variação e mudança desencadeados pelo contato linguístico afetasse, direta ou indiretamente, todas as variedades históricas do português brasileiro, sem atingir a intensidade necessária para produzir uma variedade linguística qualitativamente distinta das demais, pois tal processo (a criouliização) deve ter ocorrido, mas de forma localizada e efêmera, não produzindo uma variedade linguística que se conservasse em uso até os dias de hoje. (LUCCHESI, 2009, p.34-35)

Segundo Lucchesi para compreender as diferenças entre as variedades linguísticas do português brasileiro, “tanto no plano diatópico quanto no plano diastrático, depende crucialmente de uma apurada compreensão do processo histórico de sua formação.” (LUCCHESI, 2009, p.42). O autor destaca que as mudanças linguísticas ocorridas no PB estão associadas ao contato dos colonizadores portugueses com os índios que habitavam a

costa e com os milhões de negros vindos da África para o trabalho escravo, sem sombra de dúvida, o principal parâmetro histórico para o PB distanciar do PE.

No Brasil, o contato dos colonizadores portugueses com milhões de aloglotas, falante de mais de mil línguas indígenas autóctones e de cerca de duzentas línguas que vieram na boca de cerca de quatro milhões de africanos trazidos para o país como escravos, é, sem sombra de dúvida, o principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português brasileiro. (LUCCHESI, 2009, p.41)

Desde o Brasil colonial, em meados do século XVI, até final do século XIX, a situação socioeconômica do país pouco modificou. Era uma sociedade em sua maioria rural, com alguns centros urbanos, no qual, apenas uma pequena parcela da população, a elite, tinha acesso à vida institucional. A outra parte da população, formada por indígenas, africanos e mestiços, era explorada e não tinha acesso à vida institucional ou qualquer cidadania, como ressalta Lucchesi (2009). Diante dessas condições socioeconômicas, o autor destaca que foram criadas as condições objetivas para a polarização sociolinguística no Brasil. Para ele, isso significa que: “nos restritos círculos da elite dos pequenos centros urbanos, “os grandes” da Colônia e do Império que cultivavam a língua e as boas maneiras, sob a inspiração dos modelos importados d’além mar.” (LUCCHESI, 2009, p.52). Do outro, no interior do país, a língua portuguesa sofria drásticas alterações, por uma transmissão linguística irregular.

[...] em função do processo de transmissão linguística irregular, desencadeado nas situações de contato entre línguas abrupto, massivo e radical, compreendendo a aquisição precária do português por parte dos índios e africanos, a sua socialização entre esses segmentos e a sua nativização, a partir desses modelos defectivos, entre os descendentes endógamos e mestiços desses índios aculturados e africanos escravizados. (LUCCHESI, 2009, p.53)

De acordo com Lucchesi (2009, p. 55), com a transição para o trabalho assalariado no final do século XIX e início do século XX, o Brasil recebeu mais de três milhões de imigrantes europeus e asiáticos, que “ingressaram na base da pirâmide social brasileira, dirigindo-se para o trabalho braçal no campo.” Logo, segundo o autor, esses indivíduos aprenderam o português falado pelos capatazes e pelos trabalhadores braçais locais, que eram os ex-escravos africanos ou seus descendentes endógamos e mestiços. Assim, o português adquirido pelos imigrantes italianos, japoneses e alemães era o português falado pela camada popular do Brasil, português esse que tinha passado por grandes mudanças no passado através do processo de transmissão linguística irregular. Lucchesi destaca que: “em função de seu *background* cultural, esses imigrantes ascenderam rapidamente na estrutura social, levando

para o seio da norma culta algumas das estruturas de matiz popular que haviam adquirido em seu contato inicial com o português.” (LUCCHESI, 2009, p.55)

Segundo o autor, não houve na história linguística do Brasil uma língua crioula<sup>1</sup>, que seria o resultado da reestruturação independente da língua do superstrato, com forte influência do substrato. Para o autor, o que ocorreu e ainda ocorre, no país é uma segregação social, que reflete na língua, o que justifica algumas variedades do PB serem estigmatizadas.

A aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes endógamos e mestiços desencadearam um processo de transmissão linguística irregular que teve importantes conseqüências para a formação da atual realidade linguística brasileira, nomeadamente para as suas variedades populares. (LUCCHESI, 2009, p.71)

Para Pagotto (2005) também não pode desprezar a relevância que o contato com outras línguas possa ter trazido. Logo, para Pagotto é importante considerar as alterações ocorridas nas línguas a partir do contato linguístico, sem que seja necessário pensar que houve na base do PB uma única língua crioula.

Lucchesi (2009) propõe que “o processo histórico de constituição da realidade linguística brasileira aponta para a ocorrência de significativas mudanças nas variedades populares do português, em função do contato entre línguas.” (LUCCHESI, 2009, p.71) Desse modo, ao refletir em nível sociolinguístico mais representativo, o autor ressalta que não pode pensar em uma criouliização estrita, mas em um processo maior que seria a transmissão linguística irregular. Esse processo é caracterizado pela “simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais; ou ainda, em outras palavras, pelo aumento na frequência de uso das formas não marcadas, bem como a sua generalização paradigmática.” (LUCCHESI, 2009, p.71).

Para o autor, o processo de transmissão linguística irregular que houve no PB, pode ser considerado do tipo leve, isto porque, segundo esse processo “estaria na base da formação das atuais variedades populares do português do Brasil, e a sua marca mais evidente seria a ampla

---

<sup>1</sup> Lucchesi (2009) aponta fatores para que não ocorresse na história da formação do PB uma criouliização: a proporção entre a população de origem africana e branca, que proporcionou um maior acesso à língua-alvo do que o observado nas situações típicas de criouliização, a ausência de vida social e familiar entre as populações de escravos, o uso de línguas francas africanas como instrumento de interação dos escravos segregados e foragidos, o incentivo à proficiência em português, a maior integração social dos escravos urbanos, domésticos e das zonas mineradoras e a miscigenação racial.

e massiva variação no emprego das regras de concordância nominal e verbal.” (LUCCHESI, 2009, p.72)

Portanto, Lucchesi (2009) ressalta que os reflexos do contato entre as línguas se “diluíram pelas diversas variedades do caleidoscópio sociolinguístico brasileiro, nas mais diversas configurações estruturais, em que os chamados fatores internos e externos se entrecruzam por vezes de maneira inextricável.” (LUCCHESI, 2009, p.73).

### 1.1.3 Deriva linguística

Naro e Scherre (2007) relativizam a transmissão linguística irregular, diluindo no que chamam de “confluência de motivos”, o que levou a aceleração da “deriva”<sup>2</sup> do português em solo brasileiro. Sendo assim, a hipótese proposta por Naro e Schere (2014, p.298) se situa no extremo internalista. Os autores fizeram um levantamento histórico dos fatos do português e afirmaram que os fenômenos supostamente exclusivos do português brasileiro e que poderiam ser resultado de um crioulo de base e de influências indígenas e africanas, já foi registrado em outros momentos da história do português. Logo, o português brasileiro é simplesmente uma variedade do português que sofreu modificações, conservando e inovando, tornando-se diferente do PE.

Segundo Pagotto (2005), quanto à deriva linguística, o que ocorreu no português do Brasil foi apenas um processo lento, gradual e inexorável de mudança linguística. Logo, os processos de mudança e variação linguística foram fruto do jogo interno da estrutura. Segundo Pagotto, um exemplo dessa teoria seria a perda da inversão do sujeito, ou seja, “na medida em que as flexões verbais se simplificam, perdem-se os pronomes acusativos e a preposição a, marcadora do objeto direto preposicionado, a ordem se torna rígida para fazer as marcações sintáticas necessárias”. (PAGOTTO, 2005, p.32)

Para Basso e Gonçalves (2014), falta explicar qual seria o papel dos aloglotas na formação do PB. Uma possibilidade é que, ao aprenderem o português através de uma transmissão linguística irregular ou imprópria, os aloglotas aceleraram, catalisaram, ou em alguns casos, frearam a deriva linguística, e isso, segundo Basso e Gonçalves (2014), explicaria as inovações e conservadorismos do PB frente ao PE. Os autores ressaltam que essa é uma hipótese controversa, mas que não deixa de ser interessante, pois dá conta da ausência

---

<sup>2</sup>De acordo com Basso e Gonçalves (2014) durante a década de 1920 o linguista americano Edward Sapir lançou uma ideia de que as mudanças linguísticas de longo e curto prazo são condicionadas de “deriva linguística”. Logo, a ideia de Sapir defende que “as línguas não mudam aleatoriamente e nem caoticamente: quando há mudança, ela se conforma à deriva da língua.” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.299).

de documentos sobre um suposto crioulo falado no Brasil, dá conta das diferenças que há entre PB e o PE, bem como atribui um papel de suma importância às populações que não tinham o português como língua materna e aos primeiros brasileiros nativos, que teria incidido justamente em acelerar ou frear a deriva linguística.

#### 1.1.4 Emergência de uma nova gramática no Brasil

Segundo Faraco (2016) vários autores, principalmente entre línguas estruturalistas europeus e mais recentemente entre os gerativistas, há uma ideia de que algumas mudanças podem ser motivadas por uma “correção de rumo”. Na perspectiva desses teóricos as mudanças podem produzir “distúrbios no equilíbrio sistêmico das línguas e, em resposta a esses distúrbios, haveria novas mudanças pelas quais os sistemas buscariam restabelecer o equilíbrio perdido.” (FARACO, 2016, p.82)

Dessa forma, para o autor a mudança não apenas remodelaria continuamente o sistema, mas faria isso com a finalidade de corrigir situações de desequilíbrio. Assim, Faraco (2016) destaca que um exemplo seria se uma oposição fonológica se perdeu no processo de mudanças, “criando palavras homófonas (palavras diferentes, mas com a mesma estrutura sonora), deveria haver uma nova mudança com a finalidade de corrigir essa incômoda homofonia.” (FARACO, 2016, p.83)

Conforme destaca Faraco (2016) os estudos dos linguistas gerativistas são pautados nas formulações elaboradas por Chomsky, linguista norte-americano que, a partir da metade da década de 1950, propôs uma teoria que justifica a estrutura das línguas com base em pressupostos inatistas, biológicos.

Nessa perspectiva, importa pouco a realidade interacional das línguas. Interessa sobremaneira construir um modelo de estruturas cerebrais (um modelo da chamada gramática universal) das quais se deduziriam as gramáticas das línguas humanas. Entende-se que as restrições sobre as gramáticas decorrentes dos fundamentos biológicos das línguas, fundamentos esses que garantem a cada criança as condições cognitivas para adquirir a língua de sua comunidade.

Faraco (2016) também apresenta o pensamento de Lass (1980), o qual faz críticas aos aspectos da mudança numa dinâmica desequilíbrio/reequilíbrio. Esse teórico aponta que a explicação sobre a mudança linguística embora pareça satisfatória, é insuficiente, tanto por razões empíricas, quanto por razões teóricas, conforme explica Lass (1980)

Lass argumenta que aceitar a existência duma dinâmica desequilíbrio/reequilíbrio implica aceitar também e necessariamente que a

mudança terapêutica tem de ser categórica e abrupta, isto é, deve “corrigir” todos os casos e atingir toda a língua de uma só vez. (FARACO, 2016, p.88)

Nessa perspectiva, Ataliba de Castilho prefaciando o livro *Origens do português brasileiro* (2007) de Naro e Scherre, apresenta uma proposta para a formação do português no solo brasileiro, a proposta da emergência de uma nova gramática do PB, a partir do século XIX, dentre seus representantes, estão os teóricos gerativos. Essa nova gramática do português brasileiro surgiu a partir do século XIX.

Segundo Basso e Gonçalves (2014) o século XIX foi um século, no qual, o Brasil passou por profundas mudanças: a vinda da família Real Portuguesa em 1808, a Independência do Brasil em 1822, a Abolição da Escravatura em 1888, e a proclamação da República em 1889. Os autores ainda destacam que o século XX também foi dinâmico, período em que há uma crescente industrialização e urbanização, além dos golpes políticos e militares, ditaduras e revoluções culturais.

Dessa forma a língua falada no Brasil não ficou imune a todas essas mudanças, seja “como reflexo de todo dinamismo citado seja como instrumento para marcar a identidade de um povo que se fez independente, numa república livre e laica, com uma cultura rica e própria.” (BASSO & GONÇALVES, p.251)

## 2 A ATUAÇÃO DE DIFERENTES FORÇAS NA FORMAÇÃO DO PB

De acordo com Pagotto (2005), “o português no mundo acompanhando os navegadores, colonizadores e comerciantes portugueses em todas as suas incríveis viagens, a partir do século XV, o português se transformou na língua de um império.” (PAGOTTO, 2005 p.31). Para o autor o português ao entrar em contato com as diversas línguas, passou por um processo de variação e mudança linguística, ressaltando que “nas duas últimas décadas tem sido feito um grande esforço descritivo e interpretativo a respeito da constituição do português do Brasil”. (PAGOTTO, p.32).

O autor destaca quatro indicadores fonológicos que distanciam o PB do português de Portugal: há uma tendência muito forte no português de Portugal para a redução das vogais pré-tônicas (talvez a grande marca identificadora do sotaque português para um brasileiro.) A realização da consoante /t/ diante da vogal [i]. A realização da consoante fricativa /s/ fechando sílaba, “esse é outro traço que opõe Brasil e Portugal e, ao mesmo tempo, define também áreas diferentes no território brasileiro.” (PAGOTTO, 2005, p.32) E a realização de /l/ em final de sílaba, logo, em Portugal, “palavras como legal, leal, a última consoante é realizada como um [l] velarizado; no Brasil, haveria a forte tendência de realizá-la como uma semivogal [w], de tal maneira que se tenderia a não distinguir mal e mau.” (PAGOTTO, 2005, p.32) Pagotto (2005) ainda observa que essa questão fonológica também diferencia as regiões dialetais dentro do português brasileiro.

Logo, no PE há redução das vogais pré-tônicas, que talvez seja a maior marca da diferença do sotaque de Portugal para o do Brasil. Ao mesmo tempo, “é nas vogais pré-tônicas que se encontra o grande traço apontado por Antenor Nascentes como definidor das duas grandes regiões dialetais do Brasil: o norte e o sul. No norte, elas tenderiam a serem abertas.” (PAGOTTO, 2005, p.32).

Muitos são os lugares da estrutura morfossintática que estão em variação no Brasil e que distanciam dos dialetos portugueses. Para o autor, a morfologia verbal, em especial, a flexão de número e pessoa e a morfologia pronominal, destacando os pronomes pessoais que são os que passam por processos maiores de variação e mudança, principalmente os pronomes tu e você. Além disso, a sintaxe no Brasil também passa por processos de variação e mudança, com destaque para os fenômenos de ordem e a representação pronominal do sujeito e do objeto.

Logo, os processos de mudança e variação linguística que ocorreram no PB foram fruto do jogo interno da estrutura. Segundo Pagotto (2005) um exemplo seria a perda da

inversão do sujeito, ou seja, “na medida em que as flexões verbais se simplificam, perdem-se os pronomes acusativos e a preposição a, marcadora do objeto direto preposicionado, a ordem se torna rígida para fazer as marcações sintáticas necessárias”. (PAGOTTO, 2005, p.32)

Para Pagotto (2005), a hipótese conservadora ajuda a inverter o raciocínio. Isso porque para essa hipótese, os traços linguísticos encontrados no português do Brasil seria uma conservação do português no início da colonização do que uma inovação introduzida no PB. Desse modo, para Pagotto (2005) a hipótese da conservação está pautada no seguinte argumento: enquanto o Português de Portugal passava por mudanças, o português do Brasil ficou isolado, por isso o PB apresenta características de antes da mudança.

O mais provável é que, nos diversos pontos do território, em momentos diferentes, tenhamos a atuação de cada uma dessas forças – a conservação, a inovação estrutural e o contato linguístico que redundaram tanto nas diferenças do português do Brasil com relação ao de Portugal, quanto nas diferenças encontradas nos dialetos brasileiros. (PAGOTTO, 2005, p. 32)

Pagotto (inédito), discorrendo sobre a história econômica e a formação do português do Brasil, nos faz refletir sobre as relações econômicas que operaram na formação do português do Brasil, ressaltando que a relação entre economia e funcionamento sociolinguístico não é nem um pouco claro. Dessa forma, para Pagotto os processos “econômicos são fundamentais para o modo como as sociedades se constituem, podemos dizer que também o são para o modo como se dão os processos sociolinguísticos e os processos de mudança linguística que estão imbricados no funcionamento social.” (PAGOTTO, inédito, p.1)

Desse modo, os ciclos econômicos servem como um excelente guia para entendermos como se deu a ocupação do território nacional, os contatos com as populações indígenas e a dinâmica da escravidão do Brasil, pois os escravos, sendo a mão de obra por excelência da colônia portuguesa na América, acompanham esses ciclos, inclusive durante o Período Imperial. (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.201).

Faraco (2016) também discorre que a partir da terceira década do século XVI, quando a coroa portuguesa começou a enxergar o Brasil como um território a ser conquistado, ocupado e integrado a sua empresa mercantil. No entanto, além do empreendimento econômico, estava o projeto de converter os indígenas ao catolicismo. Dessa forma, o povoamento estava associado a duas finalidades: a religiosa e a econômica. “Esta segunda finalidade se materializava pelo extrativismo e principalmente pelo cultivo da cana de açúcar, a principal riqueza agrícola daquele período” (FARACO, 2016, p.121)

Depois do ciclo pau-brasil (1500-1540), o ciclo da cana-de-açúcar (mas também, em escala menor, tabaco e algodão durou até 1710). O cultivo da cana-de-açúcar se deu no litoral e necessitava de intensa mão de obra. Num primeiro momento, os portugueses buscaram a mão de obra indígena. Mas, a escravidão indígena apresentou diversos problemas, como por exemplo, “a posição da Coroa portuguesa, que, mesmo muitas vezes ambígua e com mão frouxa, era contra a escravidão indígena – a proibição dessa escravidão só é explícita em 1758” (BASSO & GONÇALVES, 2014, p.203).

Para Basso e Gonçalves (2014), apesar dos empecilhos, os bandeirantes paulistas utilizaram a mão de obra escrava indígena e usaram diversos tipos de agressões e atrocidades. Os bandeirantes, além do poder militar que detinham, rapidamente dominaram todas as técnicas e instrumentos de guerra dos indígenas, usaram grupos indígenas, uns contra os outros, além de capturarem os indígenas e vendê-los como escravos. No entanto, os autores destacam que a mão de obra escrava indígena não foi distribuída igualmente ao longo do território. A escravidão indígena foi mais intensa e durou mais na região do Estado de São Paulo, que na época era uma área bem maior que a atual e correspondia também a alguns estados do Nordeste, como por exemplo, Bahia e Pernambuco.

No início da colonização, os índios foram os colaboradores servis do branco europeu, mas não aceitaram passivamente a escravidão, reagindo contra ela através de guerras, fugas, recusas ao trabalho forçado. Embora a derrubada de árvores fosse uma atividade já praticada pelos Tupinambás, esse povo considerava o cultivo da terra uma tarefa para crianças e mulheres, algo impróprio para os guerreiros. Outro fator que contribuiu para a exclusão do índio do trabalho braçal ligado à agricultura e à pecuária foi a ação dos jesuítas que lutaram contra a escravidão do índio, exigindo do rei uma atitude que os livrasse da condição servil (SILVA, SOUSA & GUIMARÃES, 2017, p.29- 30).

A região Nordeste era a maior produtora de açúcar e necessitava muito de mão de obra. Logo, somando a demanda por mão de obra escrava na produção açucareira com o fato de que a Coroa Portuguesa incentivava a importação de escravos africanos, que também já trabalhavam com ferro e criação de gado, além de sua capacidade produtiva ser muito maior que a dos indígenas. A escravidão africana, como destacam Basso e Gonçalves (2014), era uma alternativa interessante, além do mais, o comércio e o tráfico de escravos africanos eram lucrativos.

Logo, em 1700, com o aumento e mudança da mão de obra durante o ciclo da cana-de-açúcar, o território brasileiro estava muito diferente do que era em 1550, e essas modificações repercutiram também na língua que aqui era falada. Assim, as diferenças encontradas entre

PE e PB nesse período vão além do léxico, e tem a ver principalmente, com a estrutura fonético-fonológica do português falado no Brasil.

Para Pagotto (inédito), os estudos pautados na sociolinguística, em especial aos que compreendem as mudanças linguísticas com motivação ou profunda inter-relação social, costumam tomar “como pano de fundo os quadros e as rupturas econômicas das sociedades que se estudam, buscando investigar nos processos de mudança os ecos das alterações econômicas que afetam determinadas comunidades.” (PAGOTTO, inédito, p. 2)

Assim, é na multidão de homens e mulheres livres ou escravos dedicados às atividades econômicas do mercado interno que encontraremos as raízes do português do Brasil. Nas cidades ou no campo. É também a partir dessa visão que será possível equalizar com mais precisão o papel que teve o contato do português com línguas e culturas indígenas. Além disso, é por meio dessa perspectiva que será possível investigar as sociedades que se formam ao longo do tempo, em momentos históricos diferentes, e condições de efervescência e sedentarização também diferentes. Noutras palavras, é possível reavaliar o papel que os contatos linguísticos possam ter tido na conformação do português do Brasil. (PAGOTTO, inédito, p. 4-5)

Portanto, o autor ressalta que “o Brasil é palco de uma emocionante epopeia linguística, da qual não temos uma consciência muito clara, porque é o tempo em que vivemos, e o tempo em que vivemos nunca é o tempo em que nos entendemos.” (PAGOTTO, 2005, p. 34)

Assim, nos moldes da Sociolinguística Variacionista, elaborada por William Labov (1970), integradas aos ciclos econômicos do Brasil, sobre o contato linguístico proposto por Lucchesi (2009) e, sobretudo, a atuação de diferentes forças proposta por Pagotto (2005) na formação do português brasileiro, propomos analisar a comunidade de Mato grosso, localizada em Rio de Contas - BA, verificando possíveis dados de conservação linguística do português antigo e inovações, a partir do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas.

Diante das controvérsias dessas propostas e considerando uma comunidade de fala, a comunidade de Mato-Grosso/Rio de Contas - BA, formada por descendentes de portugueses, indagamos em que medida dados do português antigo foram mantidos na fala dessa comunidade; e que tipo de inovações esse falar apresenta contemporaneamente, a partir do contato envolvendo o PB, as línguas indígenas, africanas, processo acentuado por atividades econômicas desenvolvidas na Bahia do século XVIII.

### 3 A SOCIOLINGUÍSTICA

Segundo Labov (2008), a maioria dos linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana não considera a vida social, ainda “insistem que os fatos linguísticos podem ser explicados por outros fatores linguísticos, não de quaisquer dados externos sobre o comportamento social.” (LABOV, 2008, p.217). Para ele, o trabalho de Chomsky (1965) para quem a Linguística é o estudo da competência, e tem como objeto de estudo uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todos falam iguais, aprendendo a língua instantaneamente. Nesse caso, o dado linguístico não é o enunciado do indivíduo a ser estudado, mas suas instituições acerca da língua, julgando quais frases são gramaticais e quais não são.

A Sociolinguística é uma área da linguística que se dedica ao estudo da língua em seu uso real, considerando as relações entre a estrutura linguística e os fatores sociais e culturais. Para Cezario & Votre (2012), a Sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são intrínsecas às línguas, portanto, devem ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguista se interessa pelas manifestações verbais nas diversas variedades de uma língua, objetivando entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística e qual a importância de cada um dos fatores na configuração do quadro em que se apresenta a variável.

Dessa forma, o estudo sociolinguístico procura averiguar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está no início ou se apresenta uma trajetória completa de mudança. Logo, “a variação não é vista como efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos”. A variação ilustra o caráter de adaptação da língua como um código de comunicação, e por isso não pode ser considerada assistemática. Portanto, o linguista ao estudar a variação, “deve demonstrar como ela configura na comunidade de fala, bem como os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou que a inibem” (CEZARIO & VOTRE, 2012, p.141).

Para Cezario e Votre, o termo variante é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua em que verifica mudança no significado básico. Os autores ainda ressaltam que uma das contribuições da Sociolinguística foi a constatação de que o uso não padrão também foi verificado na fala de pessoas com nível superior nos momentos informais. Dessa forma, os autores ressaltam que com o método de análise da língua em comunicação, “a sociolinguística consegue medir o número de ocorrências de usos de uma

variante e, sobretudo, fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante” (CEZARIO & VOTRE, 2012, p.142).

Logo, cabe ao linguista descobrir os contextos que favorecem a variação: na fala de um mesmo grupo de falantes, entre grupos distintos de falantes divididos segundo variáveis convencionais, a exemplo do sexo, idade, escolaridade, procedência, etnia, nível socioeconômico. A partir da frequência de uso das variantes, cabe ao estudioso da Sociolinguística medir as tendências associadas a cada frequência e verificar se se trata de variação estável ou instável. Para os autores, o linguista poderia ainda questionar algum tipo de mudança linguística que está ocorrendo ou que se está prestes a ocorrer.

Logo, a diversidade e a variabilidade são características inerentes aos sistemas linguísticos e passam também a ser objeto de estudo com o advento da sociolinguística. Sendo assim, o estudo de variação e mudança estabelece três tipos de variação linguística: a variação regional – associada à distância espacial entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; a variável geográfica permite opor, por exemplo, Brasil e Portugal; variação social – associada à diferença entre grupos socioeconômicos, compreende faixa etária, grau de escolaridade, procedência; variação de registro – tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta.

Dessa forma, para Cezario e Votre, (2012), nas línguas, ocorre normalmente uma interação entre as diferentes variáveis. Logo, para os autores, uma inovação linguística começa numa determinada região (variação regional), mas é própria de um grupo socioeconômico desfavorecido (variável social), bem como essa variante pode passar a ser usada por um grupo socioeconômico mais alto nos momentos informais, passando a ser uma variável de registro.

Segundo Cezario e Votre (2012) é possível ocorrer variação em todos os níveis da língua: no nível lexical, no nível gramatical e no nível fonológico. Nesse nível, situa-se grande parte das variações que contêm formas estigmatizadas, como as palavras seguintes: flamengo – framengo, lagarta – largata, bicicleta – bicicreta.

Para os autores, na dimensão social são verificadas as diferenças linguísticas na comparação entre o dialeto padrão (considerado correto, superior, puro) e o dialeto não padrão (considerado incorreto, inferior e corrompido). Cezario e Votre (2012) ainda ressaltam que é a variante padrão que é a ensinada na escola e valorizada pela sociedade, tanto por quem domina, quanto por quem gostaria de dominá-la.

O contexto situacional é responsável pelas variações linguísticas, isto porque o falante tende a adequar sua linguagem às diferentes situações vividas. Logo, a linguagem apresenta diferenças lexicais, gramaticais e fonéticas distintas, devido ao contexto, ao ouvinte ou ao meio através do qual a informação é transmitida.

Vale ressaltar que a língua é maleável, apresenta variações, mas há elementos gramaticais, fonéticos e lexicais, que são comuns às variedades de uma língua. Os autores ainda destacam que “nem tudo é variação, havendo um número enorme de elementos comuns que são estáveis. A variação configura-se como um conjunto de elementos diferentes de outro, conjunto de outro grupo, de outra localidade ou de outro contexto.” (CEZARIO & VOTRE, 2012, p.146). Portanto, o linguista pode demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos ou extralinguísticos.

A Sociolinguística surgiu pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolveu como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov (1960). Além de outros autores, como William Bright (1966), que afirmam que o escopo da Sociolinguística está na demonstração de que existe uma covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social, Cezario e Votre (2012) ressaltam que Labov, assim com Saussure (*apud*. CEZARIO & VOTRE, 2012, p. 146), vê a linguística como uma ciência social, ou seja, a Sociolinguística equivale à linguística com ênfase às variáveis extralinguísticas.

De acordo com os autores, a Sociolinguística veio assim como a etnolinguística e a psicolinguística preencher um vazio deixado pelo Gerativismo, que considera apenas o aspecto interior das línguas e a competência linguística. Logo, essas novas disciplinas priorizam os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem.

A partir dos estudos de Labov (2008) ficou evidente que a mudança linguística é impossível de ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua. Labov (2008) ressalta que a explicação da mudança linguística envolve alguns problemas: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas e a regularidade da mudança linguística. Assim, o modelo que subjaz a essa tripartição requer a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. O autor ainda destaca que a maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem, tão rápido quanto surgem.

Segundo Labov (2008) é importante questionar quais as propriedades mais úteis de uma variável linguística para centralizar o estudo de uma comunidade de fala. Primeiro, é

preciso que um item ocorra com frequência no curso da conservação natural espontânea, podendo mapear esses dados a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico de nosso estudo. E, por último, a distribuição do traço deve ser estratificada, isso significa que nossas explorações preliminares sugerem uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos da sociedade.

Pensando no termo sociologia da linguagem, como também é rotulada a Sociolinguística, o autor destaca que esse campo de saber lida com fatores sociais e sua interação mútua com línguas e dialetos, além disso, “há questões abertas e diversos problemas práticos associados com o declínio e a assimilação de línguas minoritárias, o desenvolvimento do bilinguismo estável, a padronização de línguas em nações recém-surgidas.” (LABOV, 2008, p.217)

A partir dos estudos feitos por Labov (2008) percebe-se que existe outra área de estudo na sociolinguística que preocupa com o uso real da língua, chamada por Hymes (1962) de “etnografia da fala”. Labov (2008) destaca que dentro de uma cultura específica, há muito que fazer para descrever e analisar os padrões de uso de línguas e dialetos, como: as formas de “eventos de fala”; as regras para a seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto; e os modos como os falantes usam dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções.

Segundo Faraco (2005), dialetologia é o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. Esse termo é derivado da palavra dialeto, “o que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica” (FARACO, 2005, p.178) Logo, a dialetologia contribui para os estudos linguísticos em geral e para o estudo da história das línguas em particular.

O levantamento das diferentes variedades geográficas duma língua revelou uma realidade linguística muito mais complexa e heterogênea do que costumavam os linguistas. Ficou claro que não há dialetos homogêneos, nem limites precisos entre eles, mas um entrecruzamento de influências e uma conjunção de elementos de variada proveniência. Quebrou-se a ideia de que uma variedade chamada culta era intrinsecamente melhor e mais antiga que as outras variedades dialetais e que estas não passavam de corrupção da “boa linguagem”. (FARACO, 2005, p.184)

Faraco (2005) define a sociolinguística como a corrente que estuda “as correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes (isto, é, entre diferentes formas de dizer a

mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes.” (FARACO, 2005, p.184)

Portanto, a partir dos teóricos aqui citados, percebemos a necessidade de focar a língua em sua inerente heterogeneidade, percebendo as múltiplas correlações entre língua e sociedade e “aliando a dinâmica da mudança linguística com as vicissitudes da história das comunidades de falantes”. (FARACO, 2005, p. 189).

## 4 DADOS DE FALA DA COMUNIDADE DE MATO-GROSSO

Segundo Lucchesi (2009), a ocupação da região de Rio de Contas se deu na última década do século XVII, com o estabelecimento de uma rota de viagem entre Goiás, o norte de Minas Gerais e a capital da Província, a cidade de Salvador. Assim, buscando-se um ponto de pouso nessa rota de viagem, foi fundado o povoado com o nome de Creoulos, situado no planalto da Serra das Almas, na margem esquerda do Rio de Contas Pequeno, atual Rio Brumado. A partir da descoberta de veios e cascalhos auríferos, a região atraiu grande número de garimpeiros portugueses, que subindo o rio Brumado, fundaram a comunidade. Logo, com a descoberta do ouro, iniciou-se, na região, a circulação de bandeirantes mineiros e paulistas, além dos jesuítas. A comunidade cresceu em função da atividade mineradora e em 1718, foi criada a primeira freguesia do Alto Sertão Baiano chamada de Santo Antônio de Mato Grosso. Atualmente, residem, no povoado, descendentes de portugueses, fornecedores de verduras, hortaliças, flores e café para a toda região.

Assim, segundo Lucchesi (2009, p. 97), “enquanto Mato-Grosso era deslocada para uma posição lateral mais isolada, para Rio de Contas iam afluindo todos os recursos e benefícios da atividade mineradora, o que se refletia no seu crescimento urbano.” O autor explica que lá foram construídos a Casa de Fundação, o Pelourinho e o edifício da Casa da Câmara e Cadeia Pública, no início do século XIX, algumas estruturas até hoje conservadas.

Neste trabalho, pretendemos apresentar algumas características do falar de descendentes portugueses do Alto Sertão da Bahia, uma comunidade relativamente isolada, a comunidade de Mato Grosso – Rio de Contas/BA, observando nos dados de fala traços que remetam à conservação do PE e/ou dados de inovação devido ao contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas. Abaixo, alguns resultados:

### 4.1 Aspectos Gramaticais

#### 4.1.1 Concordância verbal

Foram observados diferentes tipos de concordância verbal, como a não marcação do plural no verbo (tanto na geração acima de 70 anos quanto na geração de 30 a 60 anos): insinava *as coisa* pra nois (DUDA), ela levava nois *na festa, nois dançava, todos os bale (baile)* que tinha *nois dançava* aí na hora *que* ela chamava pra vi pra casa *nois vinha* (CLARA).

#### 4.1.2 Concordância nominal

Foi observada a ausência de concordância entre o nome (substantivo) e seus modificadores (artigo, pronome, numeral, adjetivo) e o número (plural ou singular), tanto na geração acima de 70 anos quanto na geração de 30 a 60 anos. Como por exemplo: *Essas casa, duas festa, os povo, pelos portuguezê*. Segundo Castilho (2010), o PB “simplifica a morfologia nominal, com a perda do {-s} indicador de plural na variedade popular, menos no caso Especificador, tanto quanto na morfologia verbal, em que a pessoa tu foi substituída por você.” (CASTIHO, 2010, p.192).

#### 4.1.3 Apagamento da terminação –ndo do gerúndio

Observou-se significativa ausência da terminação –ndo em ambas as gerações: intão se ficá *passano* pra um e oto, e oto (JOÃO), É pruque eu ia quando as muié tava *sofreno* eu ia fikei *oiano*, fikei *vêno*, aí aprendi (VITÓRIA), Os povo falava que era ouro que *saino* da terra assim e *subino* quela bolona que era ouro (CLARA), Aí eu falei pra quê vai *levano* isso? (HORTÊNCIA).

#### 4.1.4 Dupla negação

Foi observada a dupla negação nas duas gerações, no final das frases negativas: Ê mĩa fiá *num* tô cum mais idea [njãw] (não), Os cês *num* vão mi pagar [njãw] (não), [njãw] (não), ela *num* vai [njãw] (não) que tá choveno, eu *num* quero cazar [njãw] (não) (VITÓRIA), eu *num* sei os anu (anos) dele [njãw] (não) (HORTÊNCIA), [njãw] (não), eles *num* ispricava pra nois (DUDA).

#### 4.1.5 Em mim > ni eu

Embora em poucos dados, foi verificado um processo envolvendo a sentença composta pela preposição {em} e o pronome pessoal oblíquo tônico {mim}: daí eu falei eu num tô morreno pá gente [ˈgêthi] fazê uma coisa dessa *ni eu* (VITÓRIA), uma vez fui cantá roda eu falei um versu mamãe foi *ni eu* truceu (torceu) um pinicão (beliscão) (HORTÊNCIA).

#### 4.1.6 Preposição em > ni

Na sentença Lá em Rio de Contas, os mais idosos disseram: *lá no Ri de Conta*, os mais novos diz: *ni Ri de Conta*. Nenhuma das gerações observadas diz Rio de Contas, quando se refere a sua cidade.

#### 4.1.7 Preposição para > pra > pa

Foram observados dois processos de supressão na preposição ‘para’. Em alguns casos dizem *pra*, em outros, *pá*. Percebemos que houve uma síncope da vogal ‘a’ da preposição ‘para’, sendo realizada ‘pra’, ocasionando o desaparecimento de uma sílaba e na preposição *pá* houve a redução de uma sílaba: já ia *pra* venda (estabelecimento comercial) *pra* trocá, *Pra* pudê comprá a rapadura, *pra* ter minino (HORTÊNSIA), Que mña muié tá lá sofreno, *pá* eu fazê o parto, daí eu ia *pá* venda chegô esse rapaiz só oiando *pá* mim (VITÓRIA).

Verificamos também outros casos com a preposição ‘para’, no falar da comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA: botava braza na teia e levava *pro* quarto (HORTÊNCIA), *pro* cê ganhá (VITÓRIA). Essa variação para > pro foi encontrada em Portugal, nas comunidades de Baixo-Alentejo e Ericeira, como ressalta Berlinck & Guedes (2006) em: O marido foi *pro* mari, dado encontrado em Ericeira (p.1478), [...] o mestre diz *pro* do bagão: uma caixa de car’pau ou chicharro, dado encontrado em Baixo-Alentejo (p.1749).

#### 4.1.8 Redução do pronome ‘eles > es’

Verificamos nos dados de fala dos descendentes portugueses do Alto Sertão Baiano que o pronome pessoal de 3ª pessoa, masculino, plural ‘eles > es’ sofre uma redução da sílaba, causada pela queda total de uma sílaba:

O processo de redução ‘eles > es’ aqui investigado é tratado como um processo de redução silábica atípico, já que a queda da sílaba final favorece um processo de ressilabificação, ou seja, a marca ‘S’ não cai junto com a sílaba; ao contrário, junta-se à sílaba inicial, formando uma nova sílaba. Temos, portanto, o seguinte processo: eles > e(le)s > es, isto é, a forma plena ‘eles’ primeiro perde a sílaba /le/ e depois o /s/ se junta à sílaba inicial /e/, formando uma nova sílaba ‘es’ – uma forma átona. Tal processo estaria relacionado, segundo Corrêa (1998), ao processo de cliticização do par ‘eles>es’. (SOUZA, 2013, p.2)

Dessa forma, observamos o processo de redução ‘eles > es’ nos seguintes dados: *es* falava só pódi vendê treis coisa num pódi vendê mar [njãw] (não), Nois tava só matratano *es*, *es* botano nois pá cima (VITÓRIA); Tem hora que *es* tem cisma nossa (CAIO); eu num sei purquê *es* tem um poco *de ciúme* (JOÃO).

#### 4.1.9 Formas reduzidas

Verificamos algumas formas reduzidas na geração acima de 70 anos (principalmente nos mais idosos), como por exemplo, *ducês* (de vocês), *zonzotrô* (uns aos outros), *traveiz* (outra vez), *duã* (de uma), *dond’ê* (de onde é), *fardia* (faz dias), *crendiospade* (creio em Deus

pai). Exemplos: vai mandar o marido *ducês*, e ocê *dond'ê?* (VITÓRIA), bem gen[t<sup>h</sup>]i fala *que nois é tudo irmão dos zonzotrô* (HORTÊNSIA).

## 4.2 Aspectos Fonológicos

### 4.2.1 Alçamento vocálico: [e] > [i]

Foram observadas ocorrências do alçamento vocálico de [e] > [i]: *dimais* (demais), *insinava* (ensinava), *minino* (menino), *intão* (então), *antis* (antes), *naqueli* (naquele), gen[t<sup>h</sup>]i (gente), *aki* (aqui), *êsis* (esses), *istrondo* (estrondo), *dispois* (depois), *pirigo* (perigo), *riuni* (reuni), *inxis[t<sup>h</sup>]a* (existia), *febri* (febre), *hoji* (hoje), *dibaxio* (debaixo), *demorassi* (demorasse), *isperava* (esperava), *iskentá* (esquentar), *inxada* (enxada), *mórri* (morre), *padri* (padre), *distino* (destino), *ispremê* (espremer), *isperien[t<sup>h</sup>]i* (experiente), *bandera[nt<sup>h</sup>]is* (bandeirantes), *isportava* (exportava), *iscravus* (escravos), *aligria* (alegria), *iscola* (escola), *ispricava* (explicava), *imprei[t<sup>h</sup>]ia* (empreita), *imbrêma* (emblema).

### 4.2.2 Alçamento vocálico: [o] > [u]

Verificamos também casos de alçamento de [o] > [u]: *tempu* (tempo), *cum* (com), *dedu* (dedo), *seiú* (seio), *cazamentu* (casamento), *veiu* (veio), *bunita* (bonita), *sufrimentu* (sofrimento), *je[t<sup>h</sup>]ú* (jeito), *fei[t<sup>h</sup>]u* (feito), *tustão* (tostão), *pelu* (pelo), *duen[t<sup>h</sup>]i* (doente), *mãu* (mão), *inucente* (inocente), *cuma* (como), *versu* (verso), *carrapichu* (carrapicho), *anu* (ano), *segundu* (segundo), *fugete* (fogete), *purque* (porque), *pur* (por) *arkivu* (arquivo). Embora a pronúncia de rio ocorresse na maioria dos casos *ri* (rio), houve também a pronúncia *riu* (rio), fazendo o alçamento de [o] > [u].

### 4.2.3 Processos envolvendo [r] e [l]:

Observamos alguns processos envolvendo [r] e [l]:

4.2.3.1 **Rotacismo** – troca do fonema [l] por [r]: *prantar* (plantar), *fartava* (faltava), *frô* (flor), *vortar* (voltar), *sortar* (soltar), *imbreñma* (emblema), *prânio* (plano) *prantava* (plantava), *simpri* (simples), *artura* (altura).

4.2.3.2 **Metátese** - transposição de um fonema ou sílaba dentro da mesma palavra: *vregonha* (vergonha), *truceu* (torceu), *pruque* (porque).

4.2.3.3 **Dissimilação envolvendo /r/ e /l/ em grupos consonantais complexos**: *Ota* (outra), *igêja* (igreja). Era na *igêja* dibaxo de musiga. (VITÓRIA).

#### 4.2.4 Aspiração das alveolares [t] e [d]

Foi observada a aspiração das oclusivas alveolares [t] e [d], realizadas como [t<sup>h</sup>] e [d<sup>h</sup>], respectivamente: Num tinha [t<sup>h</sup>ĩɲɐ] medo de nada, virava a frente [frɛt<sup>h</sup>ĩ], daí eu falei eu num tô morreno pá gente [gɛt<sup>h</sup>ĩ] *fazê* uma coisa dessa ni eu (VITÓRIA), nossa iscola era sempre diferente [diferɛt<sup>h</sup>ĩ] (DUDA), eu tinha [t<sup>h</sup>ĩɲɐ] Mafra, mais depois tirou e colocô de [d<sup>h</sup>]i meu marido, e agora no lugá do Mafra colocô Bonfim (CLARA), descendem[t<sup>h</sup>]i [d<sup>h</sup>]i africanus, servente serivên[t<sup>h</sup>]i (CAIO)

Outros dados de aspiração de [d] foram: man[d<sup>h</sup>]ioca (mandioca), Era queles balai, papai prantava um *pedacin* [d<sup>h</sup>]i man[d<sup>h</sup>]ioka (mandioca) rancava uns treis balai ia rapava... eu mermu já relei man[d<sup>h</sup>]ioka (mandioca) foi muin[t<sup>h</sup>]u, já cevei. (HORTÊNSIA).

#### 4.2.5 Palatalização

Foram observadas palatalizações nas alveolares [n] e [t], conforme se apresenta abaixo:

##### 4.2.5.1 Nasal alveolar [n]

Foi observada uma palatalização da nasal alveolar [n], produzida como a palatal [ɲ], que pode, também, ser transcrita como a inserção do glide palatal [j]: não: [ɲãw] ou [njãw]. (neste trabalho, optamos por transcrever com a inserção do glide [j]): num *tinha* [t<sup>h</sup>ĩɲɐ] essas coisa [njãw] (não) (HORTÊNSIA).

##### 4.2.5.2 Oclusiva alveolar [t]

Foi observada uma palatalização na oclusiva alveolar /t/, realizada [t̂]. Na palavra ‘muito’ esse fenômeno varia de acordo com as gerações. Na geração acima de 70 anos encontramos dados como [muĩt̂u] (muito), num faiz [muĩt̂u] tempu, [njãw] (não), nois [t<sup>h</sup>ĩɲɐ] (tinha) [muĩt̂ɐ] amizade nas professôura (DUDA). Já na geração entre 50 e 60 anos encontramos *muinthu*: num senu *muintchu* dura dimais. (CAIO).

Foram verificadas algumas ocorrências de palatalização em dados como: [koĵt̂adɐ] (coitada), [oĵt̂u] (oito), [no'vêjt̂a] (noventa), [leĵt̂ã<sup>w</sup>] (leitão).

#### 4.2.6 Debucalização de [s] > [h]

Foram observadas ocorrências do processo de debucalização de [s] > [h], em *mermo* (mesmo) e *mar* (mais). Exemplos: Ah [njãw] (não) tô lembrada *mar* [njãw] (não), fizi partu

*mar* de vinte parto, eu *mermo* sentava aí e nascia o menino eu cortava o ãmbigo (VITÓRIA), *mar* eu vejo contá esse caso (HORTÊNSIA), levava tempo pra sarar *mar* sarava (JOÃO), pra *merma* data de *anti*, as paredes fraca *mermu* era muin[t<sup>h</sup>]o véia, o pessoal da Barra *mermo* é tudo descendem[t<sup>h</sup>]i [d<sup>h</sup>]i africanos vei pra cá e foi ficano (CAIO), era aqui *mermo* no quintal, perto (DUDA).

#### 4.2.7 Queda das palatais [ɲ] e [ʎ]

Foram observadas quedas das palatais nasal [ɲ] e lateral [ʎ], substituídos pelo glide [j], em ambas as gerações: *muié* (mulher), *ovêia* (ovelha), *junio* (junho) *fiá* (filha), *fi* (filho), *oiando*(olhando), *oiá* (olhar) só de namoro de *oi* (olho), *cuía* (colhia), *véios* (velhos), *fóia* (folha), *faisquiã* (faiscazinha), *finã* (fininha) *vã* (vinha), *cumĩ* (cominho), *osĩn* (ossinho), *padrĩn* (padrinho), *padĩm* (por padrinho), *mã* (minha).

Embora as ocorrências sejam poucas, foram verificadas duas pronúncias diferentes para a palavra milho com a queda da palatal [ʎ], *míio* (por milho) e *mi* (por milho), com uma redução silábica. Ainda sobre a queda do [ʎ], alguns dizem lateral [ʎ], na palavra trabalho, embora também digam *trabaiáva*. Outros já não fazem uso do [ʎ] em nenhuma das formas. O mesmo acontece com a palavra telhado, ocorreu um caso pronunciar telhado e para palavra telha, pronunciada [teia]

#### 4.2.8 Queda da lateral alveolar [l]

De acordo com Ilari (1999), ocorreu no PB a “semivocalização do –l, por isso se diz *animau* por *animal*, com [l] velarizado. Perde-se assim a distinção entre o advérbio mal e o adjetivo mau.” (ILARI, 1999, p.246). Logo, ao analisar os dados de fala de oito moradores da comunidade de Mato Grosso – Rio de Contas/BA verificou-se a ocorrência da queda da lateral alveolar [l] em posição final: [kĩ'taw] (quintal), [peso'aw] (pessoal), *invouvia* (envolia), [hospi'taw] (hospital), [Gabri'ew] (Gabriel), [lo'kaw] (local).

#### 4.2.9 Manutenção da lateral alveolar [l] em posição final

Em outros dados, no entanto, foi observada a manutenção da lateral [l] em final de palavras, por uma senhora de 97 anos, clássico dado de conservação: ia comprá o fêjão, o arrois, o doci, o ['sali] (sal), o sabão, a criosene (querosene) êsis falavá só pódi vendê treis coisa num pódi vende mar [njãw] (não) VITÓRIA).

Contudo, a senhora de 57 anos diz: soro casêro, açúcar e um *pouquim* de [saw] (sal), um copo de água. O mesmo fenômeno do ['sali] (sal) ocorre com as palavras, igual e sol. Hoje

as muié tá *igualli* (igual) prôfessôura, aiaiai, prôfessôura cum a vida bôua, Pruquê na roça pisa ni ispin, é ['soli] (sol) quente, passa de hora de cumê e prôfessôura tá na bôa. (VITÓRIA)

#### 4.2.10 Monotongação

Observamos ocorrências de monotongação, isto é, o apagamento da semivogal nos ditongos. Foram verificadas as seguintes reduções de grupos vocálicos:

4.2.10.1 Monotongação de [ou]: ['poku] (pouco) *levô* (levou), *chegô* (chegou), *sô* (sou), *lôra* (loura).

4.2.10.2 Monotongação de [ai]: *dibaxo* (debaixo)

4.2.10.3 Monotongação de [ia] *istóra* (por história)

4.2.10.4 Monotongação de [ei] *madêra* (madeira), *pêxe* (peixe), *primêro* (primeiro), *partêra* (parteira), *casêro* (caseiro), *mêa* (meia), *fêra* (feira), *penêra* (peneira), *cãdiêru* (candeeiro).

Segundo Ilari (1999) no PB ocorre uma desnasalação e monotongação de ditongos nasais finais, o que pôde ser verificado no falar dos descendentes portugueses do Alto Sertão da Bahia. De acordo com os dados de fala encontramos *hômi* (homem), Não nascia o *hômi* vei mi chamar aki (VITÓRIA).

Ainda conforme o autor ocorre também no PB monotongação dos ditongos crescentes átonos em posição final. Como por exemplo, em *negoço* (negócio), Teve esse *negoço*, mais *num* acredito, isso pra mim é lenda. (JOÃO).

#### 4.2.11 Ditongação

Verificamos nos dados de fala da comunidade de Mato Grosso a inserção do glide palatal [j], ocasionando ditongos: *nojs* (nós), Papai levava *nois* e também inserção da vogal [i]: praque ocê fez o parto de minha *porica* (porca), *treis* (três), *meis* (mês), *rapaiz* (rapaz), *feiz* (fez), *arrois* (arroz), *luis* (luz), *raizi* (raiz), *cruiz* (cruz), *vez* (vez), *professôura* (professora), *bôua* (boa), *pórtugueis* (português).

Embora as ocorrências sejam poucas, foi verificado também processo de ditongação em: gêiração (geração), rêizava (rezava) e fôurrava (forrava). Exemplos: Meu pai a *gêiração* dele é daki também, *reizava* nos [lɔ'kaw] (local), assim, nos kantú, ['tʰɨŋɐ] (tinha) os pontos de reizar na serra, perto da igreja, *Reizava* pra aumas (alma) ['tʰɨŋɐ] (tinha) o habitú de reizar

[d<sup>h</sup>]ia [d<sup>h</sup>]e semana santa mesmu, mar os caxãu ficava buni[t<sup>h</sup>]u, *fôurrava* de panu fikava buni[t<sup>h</sup>]u. (CAIO)

#### 4.2.12 Redução do ditongo

Verificamos redução do ditongo em *séri* (série), *idea* (ideia), *Catité* (Caetité), *léga* (légua), *memora* (memória), *oto*(outro) *letura* (leitura), *cudava* (cuidava) tanto na geração acima de 70 anos quanto na geração mais nova. É mĩa fiá já tô perdeno a *idea* (VITÓRIA), Estudei minha fiá, mar num tivi *memora* (memória) de ir na iscola não, Versu (verso) gostava mais agora ter *memora* pá aprendê a letura não, só gostava de versu e roda (CLARA), *Cudava* com reme[d<sup>h</sup>]i do mato (CAIO).

#### 4.2.13 Aférese

Observamos apagamento de segmento inicial de palavra, a esse fenômeno chamamos de aférese. Essas ocorrências foram verificadas especialmente nos dados de fala da geração acima de 70 anos: *liviá* (aliviar), *cê* (você), *tava* (estava), *prendeno* (aprendendo), *rancano* (arrancando), *quêr* (aquele), *tô* (estou), *burrecer* (aborrecer), *panhá* (apanhar), *guento* (aguento), *doêceu* (adoecer), *cendia* (ascendia), *pagô* (apagou), *favaca* (alfavaca), *dolescente* (adolescente), *pusementadoria* (aposentadoria), *precatinha* (alpercata). Exemplos: Daí Dinarva falô: disafôro mãe num ganha nada só vem *burrecer* (aborrecer) mãe, O maridu *doêceu* (adoeceu) (VITÓRIA), Formava aqueles circo (círculo) de meninas e *rapaizim* tudo *dolescente*, já ficano rapaiz, jovem (JOÃO).

#### 4.2.14 Apócope

Observamos a ocorrência de apócope com /r/ final, apagamento do segmento final: *mexê* (mexer), *fazê* (fazer), *Savadô* (Salvador), *lugá* (lugar), *cantá* (cantar), *dô* (dor), *oiá* (olhar), *cantô* (cantor), *cumê* (comer), *doutô* (doutor), *lavrado* (lavrador), *atravessado* (atravessador), *andá* (andar), *cadavi* (cadáver), *colocá* (colocar), *cubertô* (cobertor).

#### 4.2.15 Prótese

Foram observados dados com prótese da vogal [a]: *alembra* (lembra) e *amacio* (macio). Na fala da senhora de 97 anos o uso da palavra *alembra*, Eu *alembro*. Ué, Pegô a, a de santu Antonhi (Antônio) levô pá lá e vei dibaxo de musiga. O povo que *trouchi* (trouxe). Mar o povo conta que robaram ele e tem um ri (rio) ali que chama ri santu Antonhi que a *precatinha* (alpercata) dele ficô lá, *cê* já viu (ouvir) falá? (VITÓRIA). Verificamos a

ocorrência desse fenômeno também na senhora de 80 anos, embora essa última alterna, às vezes diz *alembro*, outras vezes *lembro*.

#### 4.2.16 Troca de [e] > [u]

Verificou-se troca de e > u em: *sumitéro* (por cemitério). “Nois reizava nos *sumitéro*, nas serra, per[t<sup>h</sup>]o da igreja, [t<sup>h</sup>]em um lugá chamado Santa Efijena (Efigênia) reizava também”. (CAIO).

#### 4.2.17 Variação [i] ~ [u]

Observamos variação envolvendo [u] e [i]: *ĩbigo* (umbigo), *ĩburana* (umburana). *Ĩburana*, alho tudo é bom pra esses tipo de coisa (JOÃO), ficava no quarto e aí o minino vĩa (vinha) nascia cortava o *ĩbigo*, eu *mermo* sentava aí e nascia o minino eu cortava o *ĩbigo*, (VITÓRIA), aí o *minino* (menino) nasceu todo inlinhado (enlinhado) o *ĩbigo* no pescoço (DUDA).

#### 4.2.18 Elevação da vogal média pretônica [ɛ]

De acordo com Ilari (1999) fundamentando em Palácio (1978) no Nordeste do Brasil há uma elevação das vogais médias pretônicas e esta característica é responsável por diferenciar os falares do Norte em relação aos do Sul. “A elevação pode conduzir a produção de uma vogal alta (como em *filiz*, *chuver*) ou média aberta (como em *nòturnu*, *còrvadi*, *nèblina*, *rècruta*); nos dois casos produz-se no Sul uma vogal média fechada.” (ILARI, 1999, p.248).

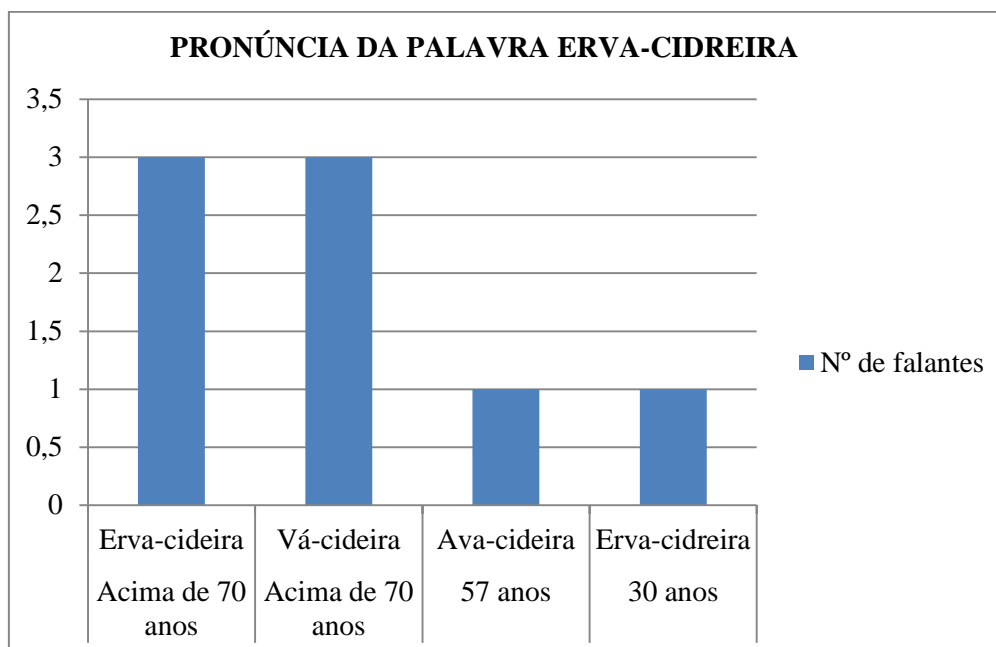
Assim, verificamos nos dados de fala da geração acima de 70 anos a ocorrência da vogal média aberta [ɛ] em: *ent[ɛ]resse* (interesse), *frequ[ɛ]nta/ frequ[ɛ]ntei ou frequ[ɛ]ntava* (frequenta, frequentei ou frequentava), *oit[ɛ]nta* (oitenta). Exemplo: Aquela época foi uma coisa mui[t<sup>h</sup>]a horríveu, foi *ent[ɛ]resse* próprio pra ganhá a grana (JOÃO).

### 4.3 Diferenças Geracionais

Ao analisar os dados de fala da comunidade de Mato Grosso/ Rio de Contas, verificamos que a palavra erva-cidreira sofre um processo de variação de acordo com a idade de cada falante. Observamos nas duas gerações alternâncias entre erva-cideira e vá-cideira, mas ainda ocorreram duas particularidades nos falantes entre 30 anos e 60 anos. Um falante de 57 anos disse *ava-cideira* e o de 30 anos, o mais jovem dos entrevistados, que possui o ensino médio incompleto, disse erva-cidreira, a explicação para essa pronúncia está ligada à

escolarização; pois apesar de manter alguns resquícios do falar dos mais idosos, ele tem uma fala mais próxima da norma culta. Segue abaixo o gráfico da pronúncia da palavra erva-cideira:

Gráfico 1 – Pronúncia de palavras



Verificamos nos dados de fala dos descendentes de portugueses do Alto Sertão Baiano outras palavras também que sofreram variações de geração para geração, como aponta a tabela abaixo:

Tabela 1 – Variação Lexical

ACIMA DE 70 ANOS	ENTRE 30 ANOS E 60 ANOS	Sentido
Musiga	Musga	Música
Musigo	Musgo	Músico
Ocê/ocês	Cê/ você, no plural usa vocês	Você/vocês
<i>Antonhi</i>	Antônio, exceto uma falante diz Antonho.	Antônio
Via (verbo ouvir)	Ovia	Verbo ouvir
Famiá	Família	Família
Igêja (exceção de uma única falante)	Igreja	Igreja
Oro	Ourô	Ouro
Mãia	Minha	Minha
Mío e milhu	Milhu, mi	Milho
Dispois	Dipôis	Depois
Ïnti	Antis	Antes

#### 4.4 Expressões Particulares

Além disso, foram observadas algumas expressões próprias do falar dos descendentes de portugueses de Mato Grosso/Rio de Contas – BA. Um dado curioso foi quanto à pronúncia da palavra jeito. A senhora de 80 anos diz: ela num deu *jenti* (*jeito*) minha mãe deu. Já na geração mais nova, incluindo até uma senhora de aproximadamente 72 anos diz: Uai que *jeithú*.

Uma única falante pronunciou o pronome possessivo ‘minha’, como oxítona. [...] que *mã* bmuíé tá lá sofreno, pá ela fazê o parto, Nu tem que pegá na *mã* mão (mão) (VITÓRIA). A mesma falante pronunciou *mío* (milho). Outros dados: Trabaiáva *mã fiá* intêr cum fome, ê *mã fiá* num tô cum mais idea [njãw] (não) (VITÓRIA), istudei *minha fiá*, mar num tive memora (memória) de ir na iscola [njãw] (não). (CLARA).

#### 4.5 Léxico

Apresentamos, dos dados de fala da comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA alguns termos particulares da comunidade:

1. *Amiranti* ‘tipo de general’
2. *Artimicho* ‘tipo de planta medicinal’
3. *Benzadeuzi* ‘tipo de agradecimento quando alguma coisa difícil de conseguir deu certo.
4. *Cepava* ‘cortar’
5. *Cevava* ?
6. *Circo* ‘referindo a círculo’
7. *Gavano* ‘elogiando’
8. *Favaca* ‘planta’
9. *Isguiritado* ‘correr sem direção’
10. *Malminto* ‘mais ou menos’
11. *Manisobi* ‘tipo de alimento preparado com folha de mandioca’
12. *Manjeroma* ‘tipo de planta medicinal’
13. *Matraka* ‘peça de madeira com uma plaqueta ou argola’
14. *Orora* ‘nome de uma pessoa’
15. *Picuíá* ‘recipiente para guardar ouro, segundo a falante o picuíá é o caninho da pena.’
16. *Precatinha* ‘tipo de calçado’

17. *Rogano* ‘no sentido de jogar’  
 18. *Rumava* ‘no sentido jogar’  
 19. *Sarilu* ‘nome de um lugar próximo à comunidade.’  
 20. *Takara* ‘tábuas usadas como suporte quando alguém quebra o braço’  
 21. *Trombeta* ‘tipo de flor’  
 22. *Vespa* ‘véspera’  
 23. *Virdeite* ‘tipo de planta’  
 24. *Venda* ‘estabelecimento comercial’.

Abaixo, apresentamos os dados observados nesse trabalho, comparando as gerações quantitativamente:

**Tabela 2 – Diferenças e semelhanças entre as gerações**

Processos	Acima de 70 anos	Entre 30 e 60 anos	Nº de falantes	Nº de ocorrências
Ausências de concordâncias: verbal e nominal.	x	x	8	94
Apagamento da terminação – ndo do gerúndio	x	x	8	80
Dupla negação	x	x	8	93
Em mim > ni eu	x		2	3
Preposição ‘pá’	x	x	4	26
Preposição ‘pra’	x	x	8	90
Preposição ‘pro’	x		3	9
Redução do pronome ‘eles > es’	x	x	5	15
Formas reduzidas	x		4	6
Alçamento vocálico: [e] > [i]	x	x	8	53
Alçamento vocálico: [o] > [u]	x	x	8	38
Rotacismo	x	x	7	20
Metátese	x		3	8

Dissimilação envolvendo /r/ e /l/	x		3	8
Aspiração das alveolares [t] e [d]	x	x	8	100
Nasal alveolar [n]	x	x	8	69
Oclusiva alveolar [t]	x	x	6	35
Debucalização de [s] > [h]	x	x	5	36
Queda das palatais [ɲ] e [ʎ]	x	x	7	60
Queda da lateral alveolar [l]	x	x	6	35
Manutenção da lateral alveolar [l] em posição final	x		1	3
Monotongação	x	x	8	45
Ditongação	x	x	8	57
Aférese	x	x	7	76
Apócope	x	x	6	41
Prótese	x		2	6
Troca de [e] > [u]		x	1	2
Variação [i] ~ [u]	x		3	4
Elevação da vogal média pretônica [ɛ]	x		3	5

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Ilari (1999) fundamentando em Cunha (1964) e Houaiss (1985), “duas posições antitéticas tentam interpretar o PB, ora como uma modalidade conservadora, que reflete o falar quinhentista trazido pelos colonizadores, ora como modalidade inovadora, que se afasta a passos rápidos do PE” (ILARI, 1999, p.294).

Berlinck & Guedes (2006) baseando em Naro & Scherre (1997), discorrem que “o português (popular ou não) advém de um processo de mudanças linguísticas originado em Portugal, sendo, portanto, o resultado natural das derivações ocorridas nos séculos passados no Português Europeu” (p.1480). Dessa forma, essa complexidade e diversidade do português falado em solo brasileiro têm inspirado diversas pesquisas, como ressaltam Basso & Gonçalves (2014), que tentam buscar explicações para a conservação linguística de traços de variedades da matriz europeia e/ou inovações resultantes do intenso contato do PE com as línguas indígenas e africanas.

Na pesquisa ora apresentada, alguns dados do dialeto dos descendentes de portugueses do Alto Sertão Baiano podem ser interpretados, a depender da perspectiva teórica, como possíveis traços de conservação de variedades do português antigo, como: a ocorrência de rotacismo, a troca de /l/ por /r/. Como destaca Ivo (inédito) baseando em Santos (2004) o rotacismo envolvendo /r/ e /l/ também é verificado na formação das línguas neolatinas.

[...] É também um fenômeno presente na formação das línguas neolatinas e pode ser tratado como uma conservação linguística. [...] No curso histórico do latim ao português, são inúmeros os exemplos de alternância entre -l e -r: flaccu > fraco; flauta > fruta (port. arc.) > flauta; gloria > gróriab (port. arc.) > glória. De acordo com Coutinho (1976: 118), os grupos consonantais iniciais latinos conservam-se, em português, quando a líquida é -r, modificando-se quando é -l. Mais uma vez, a fala rural pode ter conservado a regra. (IVO, inédito, p.15 *apud*. SANTOS, 2004, p. 6).

Outro dado de fala que sugere que há uma conservação do PE no falar dos descendentes de portugueses do Alto Sertão Baiano é a existência da variação da preposição para > pro, como por exemplo, papai ia *pro* quintau panhá cana (HORTÊNSIA), esse processo também é identificado em Baixo-Alentejo e Ericeira, comunidades do interior de Portugal, como apontam Berlinck & Guedes (2006).

Verificamos também algumas ocorrências da manutenção da lateral alveolar [l] em posição final de palavras como em: [ˈsali] (sal), [ˈsɔli] (sol) e iguali (igual). E, segundo

Castilho (2010) no PE o [l] é lateralizado, o que nos sugere que a comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA conserva essa variedade da matriz europeia.

No entanto, outros dados encontrados no falar da comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA demanda ainda alguns esclarecimentos e estudos como a ocorrência da vogal média aberta [ɛ], verificada no Nordeste brasileiro, o que sugere um dado de inovação.

Outros possíveis dados de inovações foram verificados no dialeto dos descendentes portugueses do Alto Sertão Baiano como: (a) a dissimilação envolvendo /r/ e /l/ em grupos consonantais complexos, resultando em dados como, *ota* (por outra), *igêja* (por igreja), (b) substituição da nasal palatal [ɲ] e da lateral [ʎ] pelo glide [j], em ambas as gerações: *ovêia* (ovelha), *junio* (junho), (c) assimilação de [nd] >[n]: *passano* (passando), *comeno* (comendo).

Segundo Castilho (2010), somente no PB o ditongo oral (ey) pode manter-se ou monotongar-se, bem como pode ocorrer a ditongação da vogal final seguida de sibilante, como em: *luz* [ˈlujs] e *atrás* [ˈatrajs]. Logo, os dados de monotongação - *levô* (levou), *chegô* (chegou), *istóra* (por história), *pêxe* (peixe), *primêro* (primeiro) e ditongação - *treis* (três), *meis* (mês), *vez* (vez), *professôura* (professora), encontrados na comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA sugerem possíveis dados de inovação resultado do intenso contato do PE com as línguas indígenas e africanas.

Outro dado possível de inovação do falar dos descendentes portugueses do Alto Sertão Baiano é a palatalização na oclusiva alveolar /t/, realizada [tʃ], na palavra ‘muito’ esse fenômeno sofre variação ao comparar as duas gerações. Na geração acima de 70 anos encontramos dados como [ˈmuĩtʃu] (muito), num faiz [ˈmuĩtʃu] tempu, [ɲjãw] (não) (DUDA), já na geração entre 50 e 60 anos encontramos *muinthu*: num senu *muintchu* dura dimais. (CAIO).

Outro processo verificado no falar dos descendentes de portugueses do Alto Sertão Baiano que também pode ser considerado como inovação é a dupla negação: *Num* tô lembrada mar [ɲjãw] (não) (VITÓRIA), o que segundo Castilho (2010) no PB ocorre ‘não sei não’, enquanto no PE prefere a negação simples: ‘não sei’.

Outro fenômeno observado no falar dos descendentes portugueses do Alto Sertão Baiano foi à ausência de concordância nominal - *os minino*, *os oto* (outro), *as muié* (mulher) e verbal - *insinava as coisa* pra nois (DUDA) processo esse associado na maioria das vezes à influência que o PB recebeu das línguas africanas, como destaca Lucchesi (2009). No entanto, Ivo (inédito), fundamentando-se em Barbosa (1956), Anchieta ([1595/1990]), Ayrosa (1938) e

Edelweiss (1947 e 1969) destaca que a ausência de concordância também pode ter uma possível relação ao substrato indígena Tupi, que, também, não distingue gênero e número.

Compreendemos assim que a ausência de concordância no interior do sintagma no PB pode ser interpretada, também à luz do contato da língua portuguesa com as línguas de base Tupi, especialmente em áreas que tiveram a presença desses grupos em sua gênese. (IVO, inédito, p.23)

Além disso, verificou-se no falar da comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA possíveis dados que podem ser interpretados como inovação, como: a palatalização da nasal alveolar [n], produzida como [ɲ]: [ɲjãw]: num *tinha* [ˈtʰɪɲɐ] essas coisa [ɲjãw] (não) (HORTÊNSIA), a aspiração das oclusivas alveolares [t] e [d], realizadas como [tʰ] e [dʰ], respectivamente: [...] daí eu falei eu num tô morreno pá gente [ˈgẽtʰi] *fazê* uma coisa dessa ni eu (VITÓRIA), e o uso da sentença *ni eu*.

Dessa forma, ao analisar os dados de fala dos descendentes de portugueses do Alto Sertão Baiano encontramos possíveis dados que podem ser considerados como inovações resultantes do intenso contato do PE com as línguas indígenas e africanas.

Portanto, esse trabalho, analisado à luz das reflexões de Basso & Gonçalves (2014) e Castilho (2007) a cerca da formação do PB, da sociolinguística variacionista laboviana, do contato linguístico defendido por Lucchesi (2009) e da atuação de diferentes forças elaborado por Pagotto (2005), consegue demonstrar que o falar de Mato Grosso/Rio de Contas - Bahia tanto conserva dados da matriz europeia quanto apresenta processos de inovações, confirmando assim a nossa hipótese inicial. Os resultados aqui apresentados, embora iniciantes; podem inspirar outras pesquisas em torno de questões envolvendo a formação do PB, uma vez que ainda há muitas perguntas que demandam respostas.

## REFERÊNCIAS

BASSO, R. M.; Gonçalves, R. T. *História concisa da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERLINCK, M.; GUEDES, R. A. *O que os falares de Odeleite e Ericeira têm a dizer sobre o português do Brasil?* Araraquara – SP: Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1473-1481, 2006. Disponível: < <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/276.pdf> >. Acesso em: 27 de julho de 2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_, Ataliba Teixeira. Prefácio. In: NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 141-153.

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa* – 1ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_, Carlos Alberto, 1950. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas* – 1ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3ª ed. - São Paulo – SP: Editora Ática, 1999.

IVO, Ivana Pereira. *O falar Caiçara de Paraty-Mirim*. (inédito)

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*; tradução Marcos Bagno, Maria Marta pereira Scheerre, Caroline Rodrigues Cardoso - São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, D. & BAXTER, A. “A transmissão linguística irregular” In: LUCCHESI, et al. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

LUCCHESI, D et al. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

NARO, Anthony J., Scherre, Maria M. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PAGOTTO, Emílio Gozze. *Varietades do português no mundo e no Brasil*. Ciência e Cultura [online]. 2005, vol.57, n.2, pp. 31-34.

\_\_\_\_\_, Emilio Gozze. *História econômica e formação do português do Brasil: o papel da sedentarização linguística*. (inédito).

RODRIGUES, Ayron Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas* – São Paulo. Edições Loyola, 2002.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVA, J. A. A. da; SOUSA, V. V.; GUIMARÃES, M. A. de S. “Aspectos sócio-históricos do português popular do Brasil: contato social e constituição histórica” in *Varição e mudança linguística na língua portuguesa: caminhos sociolinguísticos e (sócio) funcionalistas no Sertão da Ressaca*. SILVA, J. A. A. da; SOUSA, V. V. (Org.) Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

SOUZA, E. M. *Reflexões sobre a Redução 'eles > es' e a Simplificação do Paradigma Flexional do Português Brasileiro*, 2013.

Disponível: < <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/1687.pdf> >. Acesso em: 25 de julho de 2018.

## APÊNDICE

### TCLE

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Segundo as determinações do Conselho Nacional de Saúde Resolução CNS n.º. 466/12 e suas complementares)

#### **O FALAR DOS DESCENDENTES PORTUGUESES DO ALTO SERTÃO BAIANO**

**Pesquisador Responsável:** Jéssica Neves Silva

#### **Número do CAAE:**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “o falar dos descendentes portugueses do alto sertão baiano”, orientado por uma Linguista profissional, professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Prof. Msc. Ivana Pereira Ivo, sob a responsabilidade da pesquisadora Jéssica Neves Silva. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – tem como objetivo assegurar seus direitos, como participante da pesquisa. Ele foi elaborado em duas vias, uma que ficará com você e outra com a pesquisadora responsável. Durante a leitura desse termo você pode esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

#### **Justificativa e objetivos**

Este documento foi elaborado segundo as determinações do Conselho Nacional de Saúde (Resoluções CNS n.º. 466/12 e suas complementares). Trata-se de um estudo linguístico sobre uma comunidade de fala, relativamente isolada, de descendentes portugueses, a comunidade de Mato Grosso/ localizada em Rio de Contas - BA, verificando possíveis dados de conservação linguística do português antigo e inovações, a partir do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas. Esta pesquisa insere-se na grande proposta de refletir aspectos relacionados à formação do português falado no Brasil, pesquisando, especificamente, processos de variação e mudança linguística nos diversos dialetos brasileiros, neste caso, uma variedade dialetal do Alto Sertão da Bahia. Uma vez que essa área do Alto Sertão Baiano é pouco estudada linguisticamente.

#### **Procedimentos:**

Aceitando participar, você irá cooperar participando de uma entrevista sobre a história da comunidade de Mato-Grosso/ Rio de Contas/ BA, autorizando a sua gravação em áudio. As entrevistas serão feitas em sua casa. Assim, você não precisará se deslocar. A duração das entrevistas é de 50 (cinquenta) minutos.

**Riscos:**

A sua participação nessa pesquisa poderá lhe trazer alguma emoção ao relatar a sua história, ou lhe causar algum tipo de cansaço pela duração da entrevista, nesse caso, você poderá interromper imediatamente a sua participação. Usaremos apenas tecnologias de gravação que você já conhece, e não haverá nenhum procedimento invasivo (nenhum aparelho será conectado ao seu corpo para captação de dados).

**Benefícios:**

Esta pesquisa, após sua conclusão, tem como benefício oferecer material para análise e reflexão nas áreas da Linguística, sobre a formação do português brasileiro, além de considerar a existência ou não de conservação e inovação no falar da comunidade de descendentes portugueses, a comunidade de Mato Grosso/Rio de Contas – BA, fazendo uso de suas características culturais e linguísticas, e valorizando as narrativas orais dos moradores da comunidade.

**Sigilo e privacidade:**

Os materiais que vier a gravar ou redigir não serão identificados, e o seu nome será mantido em sigilo, se você assim preferir.

**Ressarcimento:**

Sua colaboração é voluntária, e as gravações serão feitas na comunidade de Mato Grosso/ Rio de Contas, BA, durante as visitas da pesquisadora na comunidade, o que evitará qualquer despesa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como retirar, a qualquer tempo, seu consentimento para o uso dos dados gravados com você.

**Armazenamento dos dados:**

Os dados estarão armazenados em arquivo digital de acesso restrito e serão disponibilizados para você, que poderá solicitá-los a qualquer momento. Para outras pessoas, os dados serão acessados apenas por meio da autorização da pesquisadora responsável.

**Contato e esclarecimentos:**

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Jéssica Neves Silva e com a prof. Msc. Ivana Pereira Ivo, segundo dados abaixo:

**Pesquisadores:**

Jéssica Neves Silva, graduanda do curso Letras Vernáculas da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Campus VI. Caetité – Bahia. E-mail: [jessicalettras12@yahoo.com.br](mailto:jessicalettras12@yahoo.com.br). Correio postal: Fazenda Bela Vista – Distrito de Iguatemi – Livramento de Nossa Senhora/BA, 46140-000. Telefone: (77) 991741897.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0386258405708206>

Orientadora: Ivana Pereira Ivo, professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: [ivo.ivana@gmail.com](mailto:ivo.ivana@gmail.com). Rua Barão de Jeremoabo, nº 147 CEP: 40170-115. Campus Universitário Ondina, Salvador/BA. Telefone Geral: 55-71-3283-6209

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6207759550813501>

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:**

Esse *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* deverá ser assinado por você, caso concorde em participar, e pelo pesquisador responsável. Uma via desse Termo de Consentimento será entregue a você pelo pesquisador, mas você pode pedir qualquer esclarecimento adicional, a qualquer momento da sua participação na pesquisa, ou mesmo depois de encerrada, diretamente a pesquisadora ou à orientadora dela.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

**Nome do (a) participante:** \_\_\_\_\_

(Assinatura do participante)

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Desejo que meu nome permaneça como informação confidencial

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Responsabilidade das Pesquisadoras:**

Asseguramos ter cumprido as exigências da Resolução nº 466/2012 CNS/MS, segundo as Normas para Pesquisas Envolvendo Seres Humanos e complementares para a elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguramos, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Comprometemo-

nos a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante. Esta pesquisa não terá início sem a autorização concedida pela comunidade participante da pesquisa.

---

(Assinatura da pesquisadora)

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **Roteiro das entrevistas**

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

##### **1 QUESTÕES PESSOAIS**

- 1.1 Onde você nasceu?
- 1.2 Qual a sua idade?
- 1.3 De onde são seus pais?
- 1.4 Você já pensou em morar em outro local? Caso sim, por quais motivos?
- 1.5 Você é casado (a)? Como conheceu sua esposa (a)?
- 1.6 Qual o seu grau de escolaridade?
- 1.7 O senhor(a) trabalha em que? Quem lhe ensinou esse ofício?

##### **2 INFÂNCIA**

- 2.1 De que brincadeiras de criança você se lembra?
- 2.2 Que tipo de brincadeiras as crianças normalmente faziam?

##### **3 ALIMENTAÇÃO**

- 3.1 Quais são os seus alimentos preferidos?
- 3.2 Você sabe preparar esses alimentos?
- 3.3 Quais são as comidas típicas do povo de Mato-grosso? Quem prepara esses pratos?

##### **4 AGRICULTURA**

- 4.1 O que você planta atualmente? E o que plantava no passado?
- 4.2 Quando as flores, as hortaliças e o café são plantados? Quando são colhidos?

## **5 FLORES E HORTAS**

- 5.1 Você planta flores e hortas?
- 5.2 Quem te ensinou a plantar flores e hortas?
- 5.3 Quais são os maiores perigos nessas atividades?

## **6 SAÚDE**

- 6.1 O senhor(a) sabe algum remédio caseiro para algumas doenças como diarreia, febre, picada de cobra, dor de cabeça)?
- 6.2 Quando alguém sofre algum acidente, quem trata dessa pessoa? Onde ela é tratada?
- 6.3 Que tipos de remédios caseiros você usa? Quem ensinou você a prepará-los?

## **7 FORMAÇÃO DA COMUNIDADE**

- 7.1 O que o senhor (a) sabe sobre a história da formação de Mato Grosso?

## **8 RELIGIÃO**

- 8.1 Qual a sua religião?
- 8.2 Quais as principais festas religiosas que tem aqui em Mato Grosso e as datas?
- 8.3 Qual a importância dessas festas para a economia da comunidade?
- 8.4 O que você sabe sobre a construção da Igreja de Santo Antônio?

## **9 HISTÓRIAS LOCAIS (CONTOS E CAUSOS)**

- 9.1 Você costumava ouvir histórias do seu pai e da sua mãe? Tinha uma preferida?
- 9.2 Você poderia me contar a história?

## **10 CICLO DE VIDA**

- 10.1 Você já passou por algum perigo no seu trabalho (ou em outro lugar) e pensou que fosse morrer? Caso sim, você poderia me contar?